



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



MARINÊS MONZALINA CRIXI MORIMÃ

**SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: CAMINHOS PARA A RETOMADA DA
LÍNGUA E CULTURA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB**

BARRA DO BUGRES-MT

2026

MARINÊS MONZALINA CRIXI MORIMÃ

**SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: CAMINHOS PARA A RETOMADA DA
LÍNGUA E CULTURA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB**

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profª. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

BARRA DO BUGRES-MT

2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

M857s Morimã, Marines Monzalina Crixí.

Saberes indígenas na escola: caminhos para a retomada da língua e cultura Apiaká na Aldeia Mayrob / Marines Monzalina Crixí Morimã. - Barra do Bugres, 2026.

92f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

1. Apiaká. 2. Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. 3. Aprendizagem. I. Ferreira, Waldinéia Antunes de Alcântara. II. Título.

UNEMAT / MT- SCB

CDU 81'242:39(=1-82)

MARINÊS MONZALINA CRIXI MORIMÃ

**SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: CAMINHOS PARA A RETOMADA DA
LÍNGUA E CULTURA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB**

Dissertação de Mestrado aprovada no
Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Ensino em Contexto
Indígena Intercultural da Universidade do
Estado de Mato Grosso para obtenção do
título de Mestre em Ensino.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA**
Data: 13/07/2026 17:19:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
(Orientadora – PPGECH/UNEMAT)

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA OLIVEIRA DE SALES**
Data: 07/07/2026 09:27:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Adriana de Oliveira Sales
(Avaliadora Externa UFGD)

Documento assinado digitalmente
 **ALCEU ZOIA**
Data: 07/07/2026 20:47:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Alceu Zoia
(Avaliador interno– UNEMAT)

Documento assinado digitalmente
 **LISANIL DA CONCEICAO PATROCINIO PEREIRA**
Data: 07/07/2026 21:09:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lisanil Conceição Patrocínio Pereira
Avaliadora interna - UNEMAT

APROVADA EM: 17/04/2026

DEDICATÓRIA

Dedico, com muito carinho, a todos(as) que fizeram parte desse estudo, em especial ao meu povo Apiaká, da Aldeia Mayrob, aos estudantes que não mediram esforço para contribuir com este estudo, compartilhar e ter experiências únicas de ensinar e aprender, ouvi-las a escutá-las dos ancestrais.

Com imenso respeito, agradeço a sabedoria transmitida, por gerações, os ensinamentos e saberes, as memórias das pessoas mais velhas, as lideranças, os jovens, as mulheres e as crianças. Compartilho meu sentimento a todos e a todas da minha comunidade por me apoiarem na minha formação.

Dedico este estudo aos meus familiares que também estiveram durante todo este tempo junto comigo na caminhada.

Meu esposo, que esteve a todo momento me incentivando e ajudando, foi a pessoa que me apoiou e me incentivou com palavras de carinho e esteve junto em todos os momentos nas horas alegres e momentos de tristeza.

Aos meus filhos Luelson, Miguel e minha filha Luana, que foram minha motivação para me manter firme e forte, quando em vários momentos pensava em desistir, e com palavras de incentivos continuei firme em meus estudos.

Aos meus pais que me apoiaram em todos os momentos, aos meus irmãos e irmãs que, mesmo distante, me deram total apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar saúde, força e sabedoria. Em várias ocasiões pensei em desistir, mas com muita fé e coragem me mantive firme na caminhada desse estudo. A todos os estudantes que ajudaram na pesquisa, na organização dos desenhos que estão no produto educacional.

Gratidão aos meus familiares que me deram apoio incondicional.

Ao meu esposo Lucildo Krixí Sabanes, que teve compreensão das ausências e sempre me apoiou, estando ao meu lado em muitos momentos em minha vida, e este é um deles.

Agradeço aos meus filhos, Miguel Morimã Sabanes, Luelson Morimã Sabanes, Luana Morimã Sabanes, eles são especiais nas nossas vidas.

Gratidão aos meus pais Nicolau Morimã e dona Inês Crixí, que me deram todo apoio durante meu estudo. Duas pessoas com quem aprendi muito na vida! Meu pai, uma grande liderança Apiaká, e minha mãe, uma mulher sábia, que sempre orientou os filhos na cultura, nas vivências e na coragem.

Agradeço aos professores e professoras do PPGECEII que ministraram aula enquanto aluna do mestrado, as professoras da banca de qualificação: Professora Adriana Sales, que conheci na minha banca de qualificação e muito contribuiu com a finalização deste trabalho; à Professora Beleni Salete Grando, pessoa que tem ajudado na produção de materiais pedagógicos do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola; à Professora Lisanil Conceição Patrocínio Pereira, que me deu aula e que tem nos ajudado com o Projeto Mais Ciência na escola. Ao professor Alceu Zoia que tem nos ajudado e orientado com o Projeto Ação Saberes Indígenas na escola, meu professor do mestrado no PPGECEII.

Expresso minha imensa gratidão à minha orientadora, Professora Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, a quem admiro e me inspiro nos estudos, na luta da educação escolar indígena. Eu a conheci quando era criança dentro da minha comunidade, desenvolvendo trabalhos com o meu povo e hoje se tornou minha orientadora, professora, companheira e amiga. Ela é mais do que uma Professora, é uma mulher guerreira, por onde passa deixa seu amor e carinho. Gratidão professora.

RESUMO

Esta dissertação faz parte da pesquisa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso e trata sobre os saberes indígenas Apiaká na prática pedagógica e a relevância do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. Portanto, o tema da pesquisa é Saberes Indígenas na Escola: caminhos para a retomada da língua e cultura Apiaká na aldeia Mayrob. O Projeto Ação Saberes Indígenas na Educação Escolar Indígena Leonardo Crixí Apiaká assume centralidade na pesquisa porque está relacionado com a minha história dentro da aldeia e do projeto na escola da aldeia Mayrob, lugar onde fiz toda a minha escolarização. O objetivo geral é: Compreender a importância dos saberes indígenas na escola, relacionando com a análise dos livros produzidos pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, identificando o que ainda falta em nossa avaliação e produzindo outros materiais pedagógicos interculturais para a aprendizagem dos(as) alunos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada dentro comunidade e envolveu anciãos, lideranças, estudantes e professores(as), com participação e observação, com descrição das atividades desenvolvidas na escola e análise dos materiais já escritos por nós dentro do projeto, e também com a produção de outros materiais que foram feitos junto com os alunos pelo conselho da comunidade. O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola contribuiu com o povo, construindo um caminho importante no apoio da valorização e publicação dos saberes tradicionais do povo Apiaká, com a produção dos materiais didáticos, retomada de palavras na língua e formação dos professores(as) além de proporcionar aprendizagens dos estudantes da Escola Leonardo Crixí Apiaká.

Palavras-Chave: Apiaká; Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola; Aprendizagem.

ABSTRACT

This dissertation is part of the *stricto sensu* postgraduate research in Teaching in an Intercultural Indigenous Context (PPGECII) at the State University of Mato Grosso and is about the Apiaká indigenous knowledge in pedagogical practice and the relevance of the Indigenous Knowledge in School Action Project. Therefore, the research topic is Indigenous Knowledge in School: paths to the recovery of the Apiaká language and culture in the Mayrob village. The Indigenous Knowledge in Indigenous School Education Action Project, led by Leonardo Crixí Apiaká, is central to the research because it relates to my history within the village and the project at the Mayrob village school, where I completed all my schooling. The general objective is: To understand the importance of indigenous knowledge in school, relating it to the analysis of books produced by the Indigenous Knowledge in School Action Project, identifying what is still lacking in our evaluation, and to produce other intercultural pedagogical materials for the learning of students in the early years of elementary school. The research is conducted within the community with elders, leaders, students, and teachers, through participation and observation, describing the activities developed at the school and analyzing the materials already written by us within the project, as well as producing other materials that are made together with the students, mainly by the community council. The Indigenous Knowledge in Schools Action Project has contributed to an important path for the people in supporting the appreciation and publication of the traditional knowledge of the Apiaká people, with the production of teaching materials, the recovery of words in the language, and the training of teachers, in addition to providing learning opportunities for students at the Leonardo Crixí Apiaká School.

Keyword: Apiaká; Indigenous Knowledge Projects in Education; Learni

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa Cultural da aldeia Mayrob	21
Figura 2 - Dona Ilza Morimã - Artesã Apiaká.....	22
Figura 3 - Assembleia Geral dos Povos do Noroeste do Estado de Mato Grosso.....	23
Figura 4 - Saltinho da aldeia Mayrob	24
Figura 5 - Preparação para a festa do Tracajá	24
Figura 6 - Missão do Utariti	27
Figura 7 - Quadra Poliesportiva na aldeia Mayrob.....	29
Figura 8 - Capa do dicionário Apiaká	38
Figura 9 - Livro produzido no projeto ASIE	39
Figura 10 - Encontro em Cuiabá dos supervisores do ASIE	41
Figura 11 - Formação os três povos na aldeia Mayrob.....	42
Figura 12 - Encontro ASIE entre Professores/as	43
Figura 13 - Reunião no salão central da comunidade.....	44
Figura 14 - Timbó - Plantas e raízes.....	50
Figura 15 - Plantando maniôga.....	56
Figura 16 - Processo de fazer a farinha	56
Figura 17 - Pescaria do timbó.....	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CAMINHOS PARA RETOMADA DA LÍNGUA APIAKÁ: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, REGISTRO DE SABERES E PRÁTICAS POSSÍVEIS	18
2.1 Relações históricas e culturais Apiaká e a aldeia Mayrob.....	18
2.2 A escola como espaço de valorização da língua e cultura Apiaká.	26
2.3 Revitalização e Retomada Linguística como realidade do povo Apiaká.....	32
2.4 Saberes metodológicos de pesquisa coletiva Apiaká	33
3. SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: HISTÓRIAS E ESCUTAS QUE FORTALECEM A LÍNGUA E A CULTURA APIAKÁ	37
3.1 História do projeto ASIE na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Krixí Apiaká - Aldeia Mayrob.....	37
3.2 Diálogo/Escutas com os professores e lideranças da comunidade	43
3.3 Ouvindo os estudantes sobre o uso dos livros produzidos na escola em participação no projeto.	52
3.4 A produção de farinha na aldeia Mayrob: Conhecimento Tradicional, prática cultural e soberania alimentar	54
3.5 Pesca do Timbó: Conhecimentos tradicionais e prática cultural.....	58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	64

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz parte da pesquisa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso, e apresenta as diferentes formas de ensino com os saberes Apiaká, além de fazer uma análise dos materiais didáticos produzidos pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola Estadual de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká.

Escolhi pesquisar o tema Saberes Indígenas na Escola: caminhos para a retomada da língua e cultura Apiaká na aldeia Mayrob e explico que o Projeto Ação Saberes Indígenas na Educação Escolar Indígena Leonardo Crixí Apiaká assume uma centralidade no estudo. Participo desse projeto desde o ano de 2017 e o mesmo tem se mostrado muito importante para minha escola e para o meu povo, e tem sido uma política efetiva de fortalecimento da nossa língua e também da cultura. Temos entendido que o nosso objetivo de aprofundar e de fazer a retomada da nossa língua tem sido contemplado desde que a comunidade e a escola decidiram que a participação dentro do projeto poderia contribuir com o que havíamos decidido.

Esse tema é importante porque trabalhamos os saberes tradicionais do povo Apiaká na escola e também porque elaboramos os materiais pedagógicos para desenvolver os ensinamentos, transmitindo os nossos saberes tradicionais e construindo novos conhecimentos, sempre buscando o fortalecimento da educação escolar e o mesmo tem se mostrado muito significativo para os(as) alunos(as). Com isso, o fortalecimento dos nossos próprios saberes está presente, sem deixar de ensinar outros conhecimentos do currículo escolar.

Através do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), tivemos e fizemos a formação continuada dos professores da nossa escola, priorizando a produção de materiais didáticos específicos da nossa cultura e que expressam os nossos conhecimentos e nossas práticas. Esses materiais são utilizados nas aulas que ocorrem na escola.

Com a pesquisa, busquei analisar como nós participamos do projeto e o uso dos materiais na sala de aula, e também decidir com a comunidade e os(a) professores(as) o que é importante produzir como materiais pedagógicos interculturais para que os estudantes aprendam cada vez mais e nós, os(as) professores(as), tenhamos autonomia para essa produção.

A pesquisa tem como objetivo geral: Compreender a importância dos saberes indígenas na escola, relacionando-os com a análise dos livros produzidos pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, identificando o que ainda falta em nossa avaliação e produzindo outros materiais pedagógicos interculturais para a aprendizagem dos alunos(as) dos anos iniciais.

E como objetivos específicos: Aprofundar o trabalho junto ao projeto Ação Saberes indígenas na Escola, visando destacar a importância da língua e das práticas Pedagógicas

Interculturais dentro da educação escolar e da comunidade do povo Apiaká; Dialogar com professores(as) e com a comunidade sobre os materiais produzidos por nós mesmos dentro do Projeto ASIE; observar e participar dos ensinamentos e das práticas indígenas do povo e produzir materiais pedagógicos interculturais.

A pesquisa foi realizada dentro da escola com os professores e professoras que fizeram parte do Projeto. Realizamos a observação, com a descrição das atividades desenvolvidas na escola e análise dos materiais já escritos/produzidos por nós dentro do projeto realizado com a comunidade e professores(as). Os registros foram feitos através de fotografias, trabalhos bibliográficos, relatos e registros em caderno de campo sobre como são trabalhados e ensinados os Saberes Indígenas Culturais do povo Apiaká. Também estou acompanhando as produções de elaboração de outros materiais pedagógicos interculturais. A pesquisa é qualitativa do tipo etnográfico e com observação participante (André, 2012).

A escolha dessa temática está relacionada com a minha história dentro do Projeto e da aldeia Mayrob, lugar onde fiz toda a minha escolarização. Foram as experiências em projetos que me motivado a realizar pesquisa dentro do ASIE.

Comecei a estudar com nove anos de idade em uma Escola Municipal da aldeia Mayrob, de Juara-MT. Estudei toda minha infância nessa escola. Em 2008, a escola passou a ser estadualizada e recebeu o nome de Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká, onde conclui os meus estudos no Ensino Fundamental. Neste período já atuava como professora apenas com formação no Ensino Fundamental, trabalhei com os anos iniciais, e também estudava na aldeia para concluir o Ensino Médio.

Sempre tive o apoio da comunidade para desenvolver a docência, ou seja, estou na escola há 13 anos, iniciei em 2011. O objetivo sempre foi de ajudar a minha comunidade, de ensinar as crianças do meu povo. Como forma de me preparar melhor para atuar em sala de aula, cursei Licenciatura em Pedagogia Intercultural pela Faculdade Indígena Intercultural – Barra do Bugres-MT. Em 2015 fiz o vestibular, na época era difícil o acesso e fomos até a cidade de Juína fazer aprova. Quando o resultado foi divulgado, eu tinha sido aprovada e essa foi minha alegria, porque era meu sonho estudar na faculdade e me formar, e dar continuidade no que gosto de fazer que é ensinar as crianças.

Passei cinco anos estudando na cidade de Barra do Bugres-MT e, por mais que as aulas presenciais eram por etapas durante os períodos de férias, foi muito difícil passar meses longe da família e dos filhos/a, mas conseguir concluir. E em 2022 foi um momento de alegria porque consegui chegar na reta final do estudo: finalizar minha formação e graduação em Licenciatura em Pedagogia Intercultural. Na Graduação fiz uma pesquisa sobre a educação tradicional das

meninas, e muitas ações que são próprias da comunidade também eram realizadas na escola e, ao mesmo tempo em que estudava no Curso de Pedagogia, também fui bolsista Pibid e participante do projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. O projeto possibilitou que pudéssemos produzir livros para ajudar a minha comunidade.

Em 2024, eu ingressei no Mestrado pelo PPGECEI, um momento de alegria e ao mesmo tempo de medo de desistir, mas me mantive sempre firme e com muita força da minha família e o apoio da minha comunidade. O Mestrado significou mais um avanço em minha vida e também o amadurecimento nos conhecimentos, estudei com uma nova turma e também aprofundei na escrita e fiz a pesquisa. Os professores e professoras que me deram aula contribuíram com meu crescimento, também foi importante participar de eventos, entre eles do COINTER - Congresso Indígena Intercultural. O Mestrado é importante para nós povos indígenas porque precisamos também, como os não indígenas, avançar no conhecimento, levando os nossos conhecimentos cada vez mais para dentro da universidade. O mais difícil no Mestrado é a falta de apoio nos recursos e também, porque o mestrado é profissional, temos de nos manter trabalhando e participando de todas as formações continuadas da Seduc, e na comunidade onde moramos já temos muitas responsabilidades e gastos. O Mestrado é um desafio bem maior que os desafios da Graduação, é mais rápido, mas exige muito mais de nós que somos mãe, liderança, professora, mulher.

Esta dissertação de mestrado profissional apresenta, além desta Introdução, o desenvolvimento da pesquisa na aldeia Mayrob: saberes metodológicos coletivos (Capítulo 2); as histórias e escutas sobre o projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (Capítulo 3) e, por fim, as Considerações finais.

2. CAMINHOS PARA RETOMADA DA LÍNGUA APIAKÁ: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, REGISTRO DE SABERES E PRÁTICAS POSSÍVEIS

Nesta seção, apresento a pesquisa realizada na Escola Leonardo Crixí Apiaká e início, antes de escrever sobre os caminhos metodológicos e a importância da escola na retomada e/ou revitalização, fazendo o registro e a contextualização do povo Apiaká que vive na aldeia Mayrob.

Apresento um pouco da nossa história e da cultura porque tudo está entrelaçado, o uso que fazemos do território é ligado com a história e os recursos que existem nele fazem parte da nossa cultura. Com o tempo, o meu povo foi conhecendo os lugares onde vivemos, desde os nossos ancestrais e foi se relacionando, formando nossa forma de viver dentro desse lugar e produzindo a nossa cultura. A nossa língua também faz parte da cultura, mesmo que ela esteja sem ser falada fluentemente, nunca deixou de existir por completo.

Nós Apiaká, temos uma história de luta e uma cultura forte vivida todos os dias, mas também aprendemos a viver com outros costumes porque precisamos continuar sobrevivendo na atualidade. Assim, neste capítulo escrevo sobre isso e também sobre como desenvolvi a pesquisa, pensando na nossa língua, na cultura e na escola dentro desse processo.

2.1 Relações históricas e culturais Apiaká e a aldeia Mayrob

A aldeia Mayrob está localizada na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, no município de Juara/MT, onde moro e onde foi realizada a pesquisa. A área da TI é de 109 mil hectares, declarada em 14/07/1987, foi homologada pelo decreto 394/12/1991, com data de 24/12/1991, e publicada em 26/12/1991. Nessa terra vivem três povos, Apiaká, Kayabi e Munduruku. O território é dividido por essas três etnias. O povo Kayabi habita as aldeias Tatuí, Ity Cachoeira e Figueirinha; o Povo Munduruku habita a aldeia Nova Munduruku, e nós os Apiaká, na aldeia Mayrob. Apesar de dividir o território, cada povo mantém seus costumes e culturas diferentes.

O povo Apiaká, no ano de 1960, viviam espalhados na região do Noroeste de Mato Grosso, resultado de ter sofrido violências que quase levaram à extinção do povo. Depois de massacres violentos vividos pelo povo no trabalho junto com os seringueiros, o povo Apiaká passou a viver em vários lugares (Tempesta, 2009). Muitos passaram a se esconder mata adentro, ocupando as florestas na região do Juruena e outros acabaram indo morar com o povo Munduruku e Kayabi/Kawaiwete. Para morar com os Kayabi/Kawaiwete houve a intervenção

do missionário Jesuíta João Dornstauder, que convidou algumas famílias para morar na aldeia Tatuí do povo Kayabi, Rio dos Peixes.

Toda violência sofrida pelos Apiaká alterou nossa cultura, costumes e, o mais importante, a língua materna, porque aos poucos diminuíram a comunicação uns com os outros na língua originária, que foi arrancada do povo Apiaká. Nossos antepassados foram obrigados a deixar de falar a língua materna e isso aconteceu desde o contato, e também durante o longo período de trabalho nos seringais nas margens dos rios Juruena e Teles Pires.

Na região de Juara, no Rio dos Peixes, foi na década de 1960 com a ajuda do Pe. João Dornstauder que o povo Apiaká veio morar na aldeia Tatuí, mas depois as famílias mais velhas abriram uma aldeia própria, conhecida como Aldeia Nova Esperança.

Depois de aberta a aldeia Nova Esperança, todas as famílias Apiaká foram para a primeira aldeia Apiaká no Rio dos Peixes, nesse movimento de abrir a nova aldeia estavam os meus avós paternos Pedro Paulo Morimã e Maria de Jesus Pojo, e os meus avós maternos que estavam morando em uma aldeia Munduruku no Pará (resultado da violência e espalhamento do povo).

Na aldeia Nova Esperança moravam outras famílias além da família dos meus avós, inclusive a família do senhor Álvaro Morimã (liderança Apiaká), que havia criado em 1981 um ponto de extração de látex para fazer a coleta e venda da borracha de seringa. Todas as famílias participavam dessa atividade, pois era um conhecimento adquirido da época em que foram explorados e trabalhavam para os seringueiros.

Nessa época esse lugar de extração de látex era conhecido como poção, era um ponto rico em seringueiras nativas, o látex era extraído apenas por eles e depois vendido. O senhor Alberto Morimã e outras famílias moravam na aldeia Nova Esperança, porém por decisão do senhor Álvaro Morimã, resolveram se desligar da aldeia Nova Esperança. Algumas famílias permaneceram na Nova Esperança.

Os familiares ligados a Álvaro Morimã se desligaram, e fundaram a atual aldeia Mayrob. E as últimas famílias a saírem de lá foram os meus avós paternos.

A aldeia Mayrob foi fundada em 1982 no dia quinze de maio pelo senhor Alberto Morimã porque foi o primeiro a estabelecer e a construir casa no lugar, depois outras cinco famílias ligado ao senhor Álvaro Morimã foram mora lá: *Raimundo Krixí, Adolfo Morimã, Cecílio Tukumã, Solano Krixí e Alberto Morimã*, essas foram as famílias que construíram as primeiras casas.

Atualmente, de acordo com o censo do Posto de Saúde (2025), há na aldeia Mayrob aproximadamente 290 pessoas, sendo 57 famílias que vivem do desenvolvimento de ações

tradicionais, serviços e projetos das Associações ACAIM - Associação Comunitária da Aldeia Indígena Mayrob; INHÃ, Cooperativa de castanha; COOPAVAM (Cooperativa dos Agricultores e Extrativistas do Vale do Rio Juruena) e também com serviços públicos.

Essas famílias vivem atualmente em casas construídas de materiais industrializados, antes as casas eram feitas de palhas e tabuinhas e ripas retiradas da mata. A mudança foi pelo motivo de que as matérias-primas ficaram muito difíceis e também porque houve aumento das famílias e seriam necessárias muitas casas, assim o conhecimento de preservar a natureza fez com que decidíssemos utilizar materiais da indústria. Além disso, é necessário que tenhamos casas melhores, mais confortáveis, onde possamos ter uma vida com melhor qualidade. Sabemos que os nossos conhecimentos culturais são muito importantes, mas também queremos poder decidir que tipo de casas podemos e queremos morar.

Existem alguns lugares que atendem a coletividade e são importantes para as famílias Apiaká, como o posto de saúde, a casa cultural, o salão no centro da comunidade, a casa de forno, a escola e a quadra de esporte. São estruturas físicas que têm atendido nossa comunidade em relação à saúde (medicina ocidental), o salão da comunidade é uma estrutura política que reúne as pessoas e onde decidimos coletivamente várias coisas. A casa de forno atende as nossas festas tradicionais, produzindo um dos recursos que muito usamos na nossa alimentação que é a farinha. A escola é uma estrutura importante e de luta, e ela não é apenas uma construção, mas é onde acontece parte das nossas aprendizagens, sempre em diálogo com a nossa cultura. Nela também se desenvolve a atividade profissional docente de várias lideranças Apiaká.

O Posto de Saúde que atende as pessoas na aldeia Mayrob tem a presença de enfermeiras, técnica de enfermagem indígenas, agentes de saúde indígena (AIS), agente indígena sanitário (AISAN). Tem médico e dentista não indígena que atende presencialmente na aldeia de 15 em 15 dias. O pajé e os sábios das ervas medicinais fazem parte da saúde indígena. Na nossa aldeia não temos Pajé, mas há os sabedores dos remédios tradicionais que são utilizados na aldeia, e muitas famílias ainda utilizam da medicina tradicional. Vivemos com nossos costumes e cultura que ainda mantemos firme. Procuramos cada vez mais manter vivas e presentes em nosso cotidiano nossas práticas e saberes tradicionais, e sempre passando de geração em geração. Assim, valorizamos os ensinamentos que nossos pais e avós nos ensinaram.

Na Aldeia Mayrob (Figura 1), a Casa Cultural do Povo Apiaká é uma das referências culturais que faz parte dos costumes e saberes tradicionais, foi construída em 2022 por meio de projeto elaborado pela associação Associação Comunitária Indígena da Aldeia Mayrob (ACAIM). Quando foi construída, todos da comunidade contribuíram, desde a busca da

matéria-prima para cobertura, a palha do coco babaçu, coletada em outra região distante, em outra aldeia Apiaká, a aldeia Matrinxã que fica às margens do Rio Juruena em Apicás-MT. Essa palha foi trazida de tão longe porque não temos aqui em nosso território, e ela é específica para a cobertura das casas, das ocas Apiaká.

Figura 1 - Casa Cultural da aldeia Mayrob



Fonte: Morimã, 2025

Como já foi mencionado, a casa é espaço de eventos, reuniões, mas também um espaço para as mulheres e jovens fazerem artesanatos. As mulheres confeccionam rede de barbante, colares, pulseiras, anéis e os jovens fazem cocares, arco, flecha, e outros artesanatos. Na nossa aldeia, uma das pessoas é a anciã que nos ajuda e nos orienta sobre a produção de artesanato, a senhora Ilza Morimã, ela é uma grande artesã, tem mãos hábeis na produção das redes Apiaká.

Figura 2 - Dona Ilza Morimã - Artesã Apiaká



Fonte: Morimã, 2025

A casa cultural é um espaço onde ocorrem as aulas práticas de arte e saberes indígenas, e também funciona como ponto de encontro do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. É um lugar que a comunidade utiliza para várias atividades, lugar onde se reúnem para discutir assuntos da saúde, educação e assuntos internos da comunidade.

Há também um salão no centro da comunidade, que foi construído antes da casa cultural e é um espaço político e mais amplo do que a casa cultural, serve para a realização de reuniões com toda a comunidade e acolhe eventos como o último que aconteceu nos dias 09 a 12 de outubro de 2025 – A Assembleia Geral dos Povos do Noroeste do Estado de Mato Grosso.

Figura 3 - Assembleia Geral dos Povos do Noroeste do Estado de Mato Grosso



Fonte: Morimã, 2025

Outro espaço na comunidade é a casa de forno, um lugar onde produzimos a farinha, nesse espaço há o forno, a prensa, o peneirador e o tacho onde a farinha é torrada. Esse lugar é onde fazemos a farinha para os grandes encontros e para a comunidade.

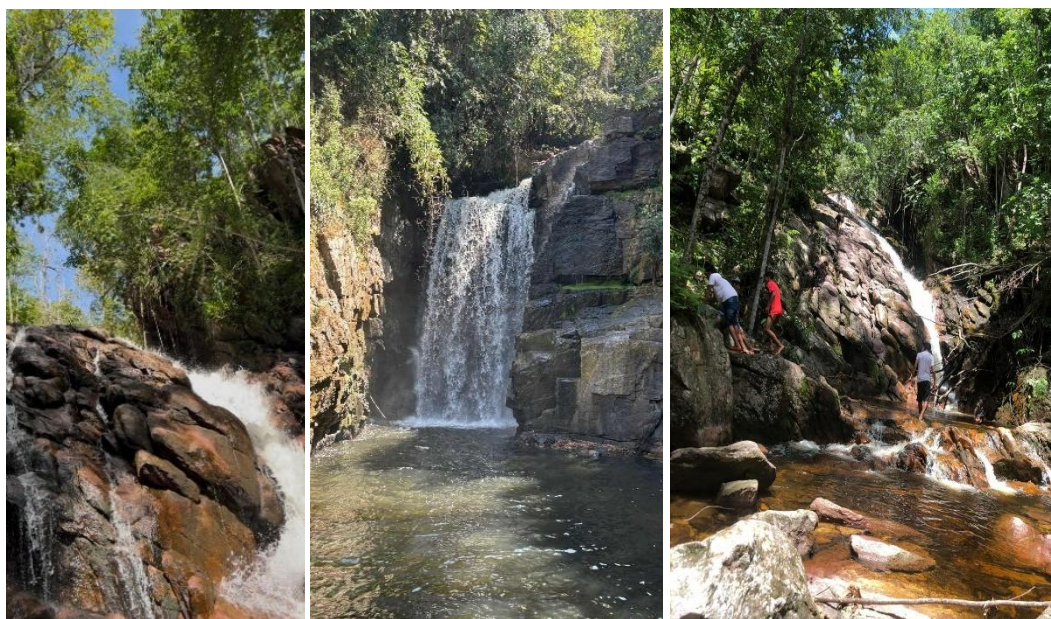
A nossa cultura é bastante forte, mesmo que meu povo não fale a língua materna, temos nossas práticas tradicionais como pinturas corporais, canto, roça onde plantamos nossos alimentos, e também realizamos a caça e a pesca de linha e pescaria com timbó. Essas práticas são frequentes porque são realizadas pelas famílias e todos da comunidade.

Os saberes e as práticas tradicionais e sua valorização são ensinadas pelos nossos pais, avós e anciões na nossa cotidianidade da aldeia e também fazem parte da escola. Atualmente, depois da escola ser administrada pelos próprios Apiaká e também pela existência de leis que garantem que nossos conhecimentos sejam ensinados na educação escolar, as práticas tradicionais foram incluídas no currículo, sendo sempre trabalhadas junto à comunidade.

Assim, existe a participação dos anciões no ensino na escola, e há o envolvimento de todos(as) alunos(as) dos anos iniciais e anos finais. O trabalho junto com os anciões é para que os estudantes tenham o conhecimento e a vivência da cultura e costumes do povo Apiaká. Nas vivências, fazemos nossos artesanatos, rede, colares, pulseiras, cestarias e outros objetos tradicionais, também fazemos nossos alimentos tradicionais e temos um espaço dentro da aldeia que foi construído com muito esforço e sonho da comunidade, é a casa cultural, lugar onde acontecem reuniões e eventos culturais.

São vários os espaços importantes na aldeia Mayrob. O rio dos Peixes, afluente do Arinos, é onde realizamos a pesca para a nossa alimentação, são importantes os lugares de pesca de peixe e tracajá; as nossas roças são feitas de forma tradicional e nos auxiliam com a produção de vários tipos de alimentos como mandioca, cará de várias espécies, banana e muitos outros alimentos; a cachoeira Saltinho (Figura 4), localizada na área onde está a nossa aldeia Mayrob, serve de espaço para nos banhar e divertir, e ainda pescar pequenos peixes.

Figura 4 - Saltinho da aldeia Mayrob



Fonte: Morimã, 2025

Nos lugares de caça coletamos os frutos como açaí, castanha, patoá, buriti, bacaba, etc. Muitos desses lugares estão dentro do território e outros não, por exemplo, a pesca do tracajá (para nossa festa tradicional do Tracajá) (Fig.5) é feita no rio Juruena e no rio Arinos, e esses rios não estão dentro do território, mas é onde os Apiaká conhecem e sempre viveram.

Figura 5 - Preparação para a festa do Tracajá





Fonte: Morimã, 2025

Afirmo que o território onde moramos que é a TI Apiaká-Kayabi é muito importante porque é resultado de muita luta do nosso povo, junto com outra etnia, nesse território vivemos bem e há nele muitas coisas que utilizamos na nossa cultura. Também reconhecemos que temos outro território e que para nós é ancestral, pois sempre estivemos habitando uma grande área que se estende por todo o Vale do Teles Pires, do Rio Arinos, do Rio Juruena, do Tapajós, em uma região que se comunica entre Mato Grosso e Pará, e muito da nossa história está no Pontal.

O território Pontal Isolado está localizado no norte do estado de Mato Grosso, Município de Apiacás, este território é tão importante porque os antepassados Apiaká viviam neste espaço e trafegavam nas margens dos rios Tapajós e Juruena, foi neste território que o povo Apiaká teve o primeiro contato com não- indígenas. Lugar de muitas histórias, saberes tradicionais, matérias- primas, como a palha de coco babaçu, utilizada para construção da casa tradicional, e também outros tipos de materiais que usamos para confeccionar objetos, utensílios e artesanatos tradicionais.

Neste Território, que tem toda uma história de vivências dos nossos antepassados, lugares sagrados, como as pinturas que estão registradas nas rochas, as sepulturas, cavernas e os lugares de pesca tracajá, há também aldeias antigas nas margens dos Rios Juruena.

Como o nosso povo sempre andou por vasta área, alguns vieram e ficaram em outros lugares mais próximos do Arinos, porém outro grupo Apiaká não quiseram sair desse território e até hoje há vestígios neste espaço.

Quando menciono aqueles que permaneceram no espaço, estou falando dos isolados que são nossos parentes Apiaká, estou falando do nosso próprio povo. Os isolados são aqueles que ainda estão fugindo do contato e, de acordo com Andrade (2021, p.94) baseado na FUNAI, são

aqueles indígenas “que não estabeleceram relações permanentes com as sociedades nacionais, ou quando há pouca interação ou com pouca frequência de interação, seja com não índios ou com outros povos indígenas”. Andrade explica em sua pesquisa que no final dos anos de 1980 foi confirmada a existência dos isolados onde é a Terra Indígena Apiaká do Pontal e Isolados. E com base nos registros que ele pesquisou no relatório da Funai, confirma-se a presença da ocupação da área pelos indígenas isolados que acreditamos ser do nosso povo Apiaká. Há na pesquisa de Andrade (2021) relatos de contato dos Apiaká que saíram de Mayrob e foram morar no Pontal, fundando a aldeia Matrinchã.

Para nós e como aponta no trabalho de Andrade (2021), é também uma esperança de que eles nos reconheçam como Apiaká e possam compartilhar conosco a nossa língua originária. Esse território é importante em relação aos recursos, mas também a presença dos isolados que são os indígenas que não saíram de lá.

2.2 A escola como espaço de valorização da língua e cultura Apiaká.

O povo Apiaká teve a primeira aldeia chamada Nova Esperança. Nessa época não havia escolarização, as crianças eram levadas para estudar em outro lugar como Utiariti, Colégio Missionário Jesuíta, e o ensinamento era tradicional jesuíta, as crianças aprendiam a ler e escrever.

A missão de Utiariti (Fig.6) existiu em Mato Grosso mais ou menos entre os anos 1930 e 1970, no município de Diamantino, o momento da atuação da missão correspondeu à expansão das fronteiras ao norte do estado. Os grupos indígenas levados para essa missão foram sempre os que viviam nessa região que antes pertencia a Diamantino, ou seja, os Apiaká, Kayabi, Nambikwara, Irantxe, Paresi - todos ficavam nesse internato. Esse período é conhecido pelas lutas entre os indígenas e os seringueiros, na reativação dos seringais mato-grossenses. O Utiariti, além de ensinar ler e escrever, fazia a catequização e muitos dos que foram para o Utiariti esqueceram como falar sua língua materna (Silva, 1987).

Figura 6 - Missão do Utiriti



Fonte: Silva (1987). Disponível em: Gente de Opinião. Acesso em: 07 dez. 2025

Talvez essa tenha sido a primeira escola que meu povo Apiaká frequentou, uma escola que não era nossa, que fez parte da história do meu povo, mas que não havia nada da nossa cultura nela. Nós tínhamos e temos a nossa própria educação. Para nós, a forma que nós vivemos e o que aprendíamos com nossos pais e nosso povo era suficiente para viver no passado.

O povo Apiaká, conforme sua cultura e costumes, têm o ensino da educação tradicional, o ensino pelos pais, avós, tios, tias e também da comunidade. O ensino tradicional vem desde os nossos antepassados: crenças, religião, regras, conhecimento tradicionais, respeito aos mais velhos e as famílias dentro e fora da aldeia. Essas são formas de ensinar e de aprender sempre na coletividade e com muito respeito aos outros.

O meu povo até hoje tem a própria metodologia de ensino da educação tradicional, as crianças e jovens aprendem a respeitar as pessoas, e o ensino se dá através da prática, observação, oralidade e da escuta, valorizando os saberes culturais e costumes Apiaká.

Desde pequenas, as crianças acompanham os pais nas atividades, vão para a mata caçar, pescar, coletar frutas, aprendem a conhecer os espaços de fazer roça, plantar as sementes de alimentos, aprendem sobre as ervas tradicionais, também aprendem a fazer alguns artesanatos como cocar, arco, flecha, remo e outros que são confeccionados pelos homens. Os meninos aprendem com o pai os ensinamentos que são próprios para menino; as meninas aprendem com a mãe, irmã, tias e avós, elas aprendem a fazer alimentos típicos como mingau de banana com castanha e peixe assado, e outros como cuidar de casa, tratar de peixes, caças, também aprendem a fazer sucos de frutas, artesanato, rede, colar, anel e pulseira. Dessa forma, até hoje, o nosso povo valoriza costumes e ensino e tradicional.

No entanto, outra forma de ensino foi introduzida junto a nosso povo, a educação escolarizada, a primeira que conhecemos foi quando levaram os Apiaká para o Utiriti, ou seja, a educação escolar se deu pelos missionários no Utiriti; depois, houve uma época em que algumas irmãs vieram para perto de nós e elas alfabetizavam as crianças, ensinando a ler e a escrever.

Nesse período, a comunidade não pensava em ser independente e tudo era do jeito que os missionários pensavam, até mesmo porque não tinham conhecimento de seus direitos. Mas com o passar do tempo, esses professores não-indígenas incentivaram as lideranças indígenas a lutarem em busca dos seus direitos (Krixí, 2016, p. 29).

De acordo com Krixí (2016), a primeira pessoa que teve a iniciativa de dialogar sobre a importância de ter escola e aprendizagem de leitura e escrita na aldeia foi Marilsa Morimã, a mesma tinha estudado no orfanato Utiriti, ela voltou e contribuiu com o ensino escolar na aldeia. Ela trabalhava voluntariamente e seguia a educação tradicional da Missão Anchieta.

Em 1981 que a Apiaká Cleide Krixí foi escolhida para dar aulas e trabalhou durante um ano, seguindo o mesmo método da escola tradicional dos missionários. Utilizavam livros didáticos que vinham de Diamantino e ensinava somente na língua portuguesa. Cleide foi a primeira professora do povo na atual da Aldeia Mayrob. Depois vieram outros professores, como Sebastião Moreira, um indigenista (CIMI) que trabalhou por vários anos com o povo Apiaká e em apenas seis meses foi substituído por Ivanete Krixí que iniciou seu trabalho a convite da irmãzinha Maria Conceição Muniz. Nesse período, Ivanete tinha apenas doze anos de idade. (Krixí, 2016, p. 30).

A história continua, e depois vieram outros professores Apiaká como Lourival Morimã, porém, com o tempo a forma de ensinar na escola da aldeia Mayrob foi mudando, e fomos compreendendo que era importante e direito nosso desenvolver uma pedagogia própria Apiaká.

Pode-se dizer que a educação escolar, ou o processo de escolarização na aldeia Mayrob, se deu por incentivo dos não-indígenas, pois o povo sentia dificuldade de enfrentar o mundo não-indígena, porém, fomos observando que para nós seria importante aprender o mundo não indígena para podermos continuar a sobreviver, então, a comunidade se organizou e se reuniu para implantar a escola dentro da própria aldeia. Foi pensando nas futuras gerações, para buscar melhoria e conhecimento da língua portuguesa, e também os direitos do povo indígena que a escolarização iniciou na aldeia.

Lutar para a implantação da escola não foi fácil para as lideranças Apiaká, mas com o apoio dos missionários, os indígenas foram tendo conhecimento dos caminhos que deveriam seguir e foram em busca de melhoramento para atender à demanda da comunidade no setor da educação escolar indígena (Krixí, 2016, p.9).

Com as lutas de outros povos indígenas, o povo Apiaká teve força para seguir firme e com muita coragem, levando também os jovens para que também pudessem acompanhar e aprender a lutar e buscar conhecimentos e direitos para comunidade. A escola dentro da comunidade veio e também contribuiu com a nossa luta a favor do nosso reconhecimento, e mostrou para a comunidade não indígena que nós os Apiaká continuamos a existir.

Assim, aos poucos foram ingressando outros professores Apiaká e continuaram a desenvolver o ensino dentro da educação escolar na aldeia Mayrob. Em 2004, Leonardo Crixí, também entrou como professor titular, Leonardo Crixí Apiaká, que faleceu muito jovem e a escola o homenageia com esse nome.

A primeira escola construída na Aldeia e que era atendida pelo município de Juara era de madeira. A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká foi construída no ano de 2018. Desde quando foi construída, todos que lá trabalham, desde o diretor e todos os professores e as professoras, são indígenas do próprio povo.

É uma escola com boa estrutura física, com quatro salas de aula, secretaria, refeitório, cozinha, materiais e equipamentos necessários para o bom funcionamento da escola. Faz parte da estrutura da escola a quadra poliesportiva (Figura 7), e ela é resultado de lutas das lideranças do povo Apiaká, desde 2015 foi feito um projeto de emenda de uma quadra esportiva para a comunidade, com o objetivo de incentivar as nossas crianças e jovens. Em 2022, a quadra foi construída e faz parte da escola e é o lugar onde nós professores desenvolvemos a educação física com brincadeiras, futebol, dinâmicas e outras atividades culturais.

Figura 7 - Quadra Poliesportiva na aldeia Mayrob





Fonte: Marinês, 2026

Temos professores graduados em Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Licenciatura em Ciências Sociais, Licenciatura em Língua, Artes e Literatura, e também temos professores que são Mestres, diplomados pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII). Atualmente os(as) professores(as) são todos graduados, desse grupo sete se formaram na FAINDI, Faculdade Indígena Intercultural, UNEMAT, Campus de Barra do Bugres; e cinco se formaram em outras instituições de ensino superior. Os outros profissionais de apoio e técnico também são indígenas.

Atualmente, o número de estudantes são 88 alunos, sendo 70 na aldeia Mayrob, todos são moradores da aldeia e 18 são da sala anexa que fica na aldeia Ytu Cachoeira, com atendimento do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Portanto, a escola atende toda a Educação Básica.

São doze 12 educadores, sendo quatro mulheres e oito homens, todos indígenas do próprio povo. Dois profissionais respondem pela gestão escolar, na direção e na coordenação. Os outros atuam diretamente na sala de aula. As turmas são multi ou turmas multicicladas, compostas por estudantes de anos/ciclos diferentes que estudam na mesma sala, com idades dos estudantes também diferentes. A organização de escola ciclada no estado de Mato foi oficialmente implantada no ano de 2000. O modelo, instituído pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc), visa combater a evasão e reprovação escolar, estruturando o ensino em ciclos de formação com foco na progressão continuada, focando no desenvolvimento do estudante (<https://www3.seduc.mt.gov.br/-/cee-mt-publica-resolucao-sobre-escola-ciclada>).

A formação das turmas “multi” para a Seduc tem a finalidade de atender pedagogicamente, mas também, e talvez principalmente, não ter gastos com recursos, acreditando essa ser a melhor forma de atendimento. Trabalhamos de forma multi, mas nem sempre é fácil, há muitos desafios que enfrentamos. Mesmo assim, procuramos atender da melhor forma, de um jeito que não tenhamos prejuízos pedagógicos tão severos.

O currículo de funcionamento da escola é o Projeto Político Pedagógico-PPP, onde está escrita a forma de desenvolver um trabalho pautado no ensino específico e diferenciado, ofertando atividades curriculares de Práticas e Saberes Culturais, Língua Materna e as disciplinas globais. As ações específicas que temos no calendário escolar são semana dos povos indígenas, semana da roça, plantação de roça, pescaria com timbó, colheita de frutas silvestres, intercâmbio com outros povos, confecção de artesanatos e pinturas. O calendário foi elaborado junto com todos(as) Professores(as), alunos(as) e toda a equipe escolar sobre as práticas específicas e diferenciadas das escolas indígenas, portanto, construído com a participação de toda comunidade.

A nossa escola acolhe projetos e os desenvolve em cooperação com as universidades do estado de Mato Grosso e outras instituições. Em relação às universidades, temos buscado a revitalização da língua Apiaká e engajado em projetos de pesquisas como o Projeto Novos Talentos e o Projeto Saberes Indígenas na Escola, e, mais recentemente, também estamos com o Projeto Mais Ciência na Escola.

O projeto Novos Talentos foi o primeiro projeto que iniciou o trabalho com a revitalização da nossa língua e funcionou, assim como o ASIE, com a participação dos três povos na T.I. Apiaká/Kayabi. Nós Apiaká, na busca de revitalizar a língua, tivemos uma boa experiência com os parentes Tapirapé porque vimos projetos linguísticos de parentes Tapirapé em 2015, eles vieram até a aldeia Mayrob e construímos juntos uma oficina de memória da língua. Por pertencermos ao mesmo tronco linguístico, o Tronco Tupi, levantamos várias palavras, nomes e cantos tradicionais, e construímos frases coletivamente, materiais importantes no processo de revitalização da língua Apiaká.

a primeira produção que fizemos foi uma cartilha com palavras, nomes, cantos Apiaká, também um Interculturalizando produzido pelo projeto Novos Talentos da UNEMAT do Campus de Juara, o projeto Novos Talentos foi coordenado pela professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira envolvendo os povos Kayabi, Apiaká e Munduruku. Através do projeto Novos Talentos além de trabalhar a produção de livro, a comunidade Apiaká decidiu entrar em contato com senhor Luiz Gouvea de Paula que trabalha com o povo Tapirapé para ajudar com a escrita e a aproximação da língua que ajudaria muito na escrita da língua Apiaká (Crixí, Nascimento, Zoia, 2022, p.18).

O trabalho na comunidade durou uma semana, envolveu todos da comunidade: professores, pais, alunos e anciões. Fizemos a comparação na escrita e também na pronúncia dos sons de algumas palavras Apiaká e Tapirapé. Vivemos um período de lembrança da língua e isso foi muito importante para nós porque algumas palavras foram sendo lembradas e

achávamos que nem sabíamos, mas à medida que íamos trabalhando e conversando, principalmente, os mais velhos iam lembrando.

Durante a comparação com os parentes Tapirapé, em toda atividade, o encontro foi muito importante. Algumas palavras eram idênticas e o som era o que sentimos diferentes, mas a comunidade levou em consideração que as palavras eram iguais. Também foi feito um canto tradicional da tabuada de 1 a 10 de multiplicação na língua tapirapé. Todos os jovens e as crianças aprenderam a cantar.

Na educação escolar isso é entendido como uma forma de produzir um letramento na nossa língua, dando utilidade à língua e também aprendendo a tabuada, assim o uso da língua e da matemática. Santos e Moura (2022) explicam o letramento Mundurucu, com cartas, com as histórias e com os cantos, essas ações fazem parte do letramento indígena porque têm significados para nós. Assim, o letramento indígena é uma ferramenta de resistência, decolonialidade e fortalecimento da identidade. Esse canto os parentes Tapirapé pediram para nosso povo continuar a cantando e apresentando, e para nós ele é importante porque é nosso, da nossa identidade e com a nossa língua.

Depois dessa experiência bem-sucedida, implantamos o projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (2016), mas sempre o povo Apiaká tem buscado revitalizar a língua materna como uma decisão política, contrária ao processo de colonização que sofremos.

Quando não havia os projetos dentro da nossa comunidade, os materiais didáticos e de apoio pedagógico eram fornecidos apenas pelos estados, assim como todas as escolas recebem, que não são específicos. Atualmente, continuamos com o projeto Ação Saberes Indígenas na Escola e com o Projeto Mais Ciência.

2.3 Revitalização e retomada linguística como realidade do povo Apiaká

O conceito de revitalização linguística,

Segundo o dicionário Houaiss (2010), revitalização significa “ação, processo ou efeito de revitalizar, de dar nova vida a alguém ou a algo; série de ações mais ou menos planejadas, ger. provenientes de um grupo, comunidade etc., que buscam dar novo vigor, nova vida a alguma coisa”
(D’Angellis, 2020)

Para D’Angelis (2020), existem línguas vivas e plenamente ativas, como aquelas que tem fortalecimento com a escrita e são a primeira língua do povo. As línguas vivas estão na voz e na memória os mais velhos e são essas que precisam de revitalização. No movimento indígena chamamos a revitalização de retomada da língua, pois precisam de registros e de documentação, e a língua materna é a segunda língua.

Há também as línguas mortas, sobre as quais D'Angelis (ano) explica que usam o bilinguismo e criam uma língua, e a língua materna é a segunda língua. Entendo que não há nenhuma língua morta por completo porque sempre permanece alguma palavra, então não são mortas, mas esquecidas porque fomos obrigados a esquecer. Há, portanto, lembranças, há algum registro.

O autor ainda identifica as línguas desaparecidas e, neste caso, é feita a introdução da língua indígena, a reconstrução da língua ancestral ou o povo faz a adoção de uma língua ou criação artificial. Mas, essas línguas desaparecidas não estão totalmente desaparecidas, e quando usamos outra é porque são parecidas e guardam semelhanças.

Todas as comunidades indígenas, ainda que tenham a primeira língua, i.e., a língua materna, têm o objetivo de produzir materiais didáticos porque a escola indígena tem de ter a língua indígena que é o nosso direito. Nós temos orgulho de reaprender a língua e realizar as nossas práticas culturais, e é por isso que temos insistido na elaboração e na produção de nossos próprios materiais didáticos.

Nossa revitalização ou retomada é feita com a base comunitária – todos juntos (as reuniões, o coletivo, decisões da comunidade), todos são professores indígenas; a documentação dos saberes é feita no coletivo. Falamos em retomada porque:

A categoria línguas em retomada vem para chamar atenção que a maior parte das línguas indígenas consideradas extintas estão na verdade *adormecidas*, conforme a concepção de muitos povos, o que nos leva a outros conceitos de vitalidade linguística (Kokama, 2025, s/p)

Assim, as línguas indígenas ficaram adormecidas e, como diz Kokama (2025), elas continuam presentes em inúmeros aspectos da vida cotidiana das populações indígenas, como na toponímia, em artefatos de caça ou pesca, em situações especiais como incursões na mata, e principalmente no domínio ritual. Assim como acontece conosco do povo Apiaká, temos palavras que estão no nosso cotidiano e nos nossos cantos que fazem parte da nossa língua originária.

2.4 Saberes metodológicos de pesquisa coletiva Apiaká

A pesquisa realizada na Escola Leonardo Crixí Apiaká e na comunidade dentro da aldeia Mayrob foi feita junto aos anciões, lideranças e professores(as). As ações desenvolvidas foram as observações pedagógicas realizadas na comunidade e a análise de como os materiais pedagógicos elaborados com todos da comunidade e com professores(as) e alunos(as) dos Ensinos Fundamental e Médio estão sendo utilizados na escola.

A pesquisa é qualitativa do tipo etnográfico e com observação participante. Para a realização desta pesquisa também buscamos nos apoiar nas referências de pesquisa bibliográfica já produzidas sobre essa temática, com leituras de textos e demais produções realizadas. A pesquisa qualitativa do tipo etnográfico faz uso de entrevista intensiva, observação participante e análise de documentos (André, 2012), e envolve trabalho de campo como foi desenvolvido na aldeia Mayrob: “A observação é chamada participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (André, 2012, p. 28).

Durante a pesquisa de campo na aldeia Mayrob:

- Apresentei o projeto de pesquisa para a comunidade;
- Realizei diálogos e análise dos livros com as lideranças, anciões e professores(as) e estudantes para a apresentação dos resultados desta pesquisa;
- Iniciei apresentando um pouco da nossa história e da aldeia Mayrob.

Para desenvolver um trabalho acadêmico, ingressar no Mestrado e realizar pesquisas, antes foi preciso comunicar as lideranças e pedir o apoio para fazer o Mestrado, comuniquei sobre o que pesquisaria, já que todos sabem e têm participado coletivamente de forma (in)direta do projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. Somente depois de ter sido aprovado, apresentei o projeto de pesquisa em uma grande reunião.

Quando apresentei o projeto para a comunidade, recebi o apoio das lideranças, anciãos e das pessoas da Escola Estadual indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká para a realização da pesquisa. Expliquei que precisaria de outras reuniões para podermos fazer a escuta e avaliação dos livros já publicados pelo projeto Ação Saberes Indígenas na Escola – ASIE.

Para todas as ações que são importantes para o povo Apiaká, as decisões são tomadas coletivamente, então também a pesquisa, que é para o meu povo, precisou que nos reuníssemos para conversar e eu apresentar o projeto. Na apresentação não fui questionada, mas recebi o apoio para fazer a pesquisa. As lideranças disseram que há muitas coisas do povo Apiaká que precisam ser estudadas porque temos uma história de muita violência, que muitas coisas não sabemos de nós mesmos e que é importante ter registros e fazer livros sobre o nosso povo. Exigiram muito que precisamos ter mais livros na língua materna.

A metodologia da pesquisa iniciou com a reunião com as lideranças e a atitude de escuta da oralidade, momento em que cada pessoa presente pode falar o que estava pensando e dar o

seu apoio para a pesquisa. Foi feita uma roda no salão da comunidade e durante o diálogo ouvimos a liderança.

Para Paulo Freire (2011), o diálogo é a forma de fazer com que as pessoas lutem pelos seus direitos, assim ouvir os outros e dialogar significa buscar entender o que as lideranças e a comunidade desejam. Esse diálogo para nós é a oralidade, a forma que falamos sobre a nossa cultura e o que precisamos na nossa comunidade.

Essa forma de realizar a pesquisa, ou seja, a metodologia da escuta e da consulta à comunidade representa nosso jeito de ser Apiaká, de escuta, de viver a cultura, de estar atento a todos e todas as pessoas que ensinam, primeiramente, os mais velhos que têm autoridade para ajudar nas decisões e as lideranças que, mesmo sendo jovens, são importantes porque sabem como o mundo funciona. A forma do povo Apiaká é na escuta e na coletividade, temos esse costume desde os antepassados, é uma metodologia própria de se organizar, a forma de discutir e dar apoio para os jovens nas suas vidas, orientar aqueles que querem estudar e trabalhar. Aprendemos que o interesse tem que ser da pessoa, mas é preciso ter apoio dos familiares, então dessa forma é apresentado para toda a comunidade.

A organização do povo Apiaká é de reunir e discutir junto com todos da comunidade. O meu povo até hoje tem esse costume de dialogar e discutir os assuntos da comunidade dentro do salão com todos da aldeia, porque dessa forma o apoio se torna mais forte; e a apresentação é sempre coletiva, com a escuta atenta de todas as falas e opiniões. Quando estamos ouvindo, estamos aprendendo; é o nosso jeito de aprender também. Ouvir não é apenas escutar, mas é aprender para tomar posições, para poder viver dentro do nosso povo e da nossa cultura. E isso é muito importante na/para a comunidade, é uma organização própria do povo porque representar o povo e ter apoio valoriza o costume, a cultura e nossa identidade Apiaká.

Outra atividade da pesquisa foi o momento de ouvir a comunidade sobre os livros do Projeto Ação Saberes Indígenas que já foram publicados e tomar decisões junto com a liderança, anciãos e professores(as) sobre o que trabalhar na escola, sobre os saberes indígenas e também o que poderia fazer parte de outras publicações do projeto Ação Saberes Indígenas na escola.

Essa reunião já é parte da pesquisa coletiva Apiaká, e se desenvolveu com a escuta, prestando atenção, anotando e gravando as opiniões dos presentes, foi uma reunião em que todos(as) que queriam falar eram livres para falar. Foram construídas muitas reflexões neste momento, e a comunidade falou da importância de professores e professoras Apiaká desenvolverem pesquisas dentro do nosso próprio povo. No momento da escuta, todas as falas foram gravadas no celular e depois transcritas e organizadas em forma de texto. É difícil

transcrever porque as falas não são organizadas, elas são e vem do coração, das experiências, então tive dificuldade de organizar, entendi que o jeito que falamos na nossa oralidade é bem diferente do que deve ser feito na escrita. Quando falamos, temos a liberdade de colocar vários assuntos que estão em nosso pensamento; a escrita deve estar organizada por assunto para que as pessoas que vão ler possam entender.

Também foi feita uma reunião para ouvir atentamente os(as) estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio. A escuta foi feita por turma, primeiro com os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, e depois com o Ensino Médio. Nas reuniões, a pergunta central aos participantes foi “O que gostariam de acrescentar ou produzir das práticas culturais tradicionais do povo Apiaká na escola e no Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola?” Com esse questionamento, conseguimos avaliar os trabalhos já realizados, visibilizar as produções, incentivar o uso e entender melhor o que os jovens gostariam de aprender mais.

Além das reuniões, também realizei uma aula coletiva com a participação dos(as) alunos(as) dos Ensinos Fundamental e Médio na produção de atividades sobre as práticas culturais e palavras na língua Apiaká. E assim realizei a pesquisa, relatando, observando, participando e escrevendo as atividades desenvolvidas com os(as) alunos(as) da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. Para as análises, foi preciso realizar o estudo bibliográfico e, para isso, reuni livros, teses e artigos que já foram escritos e que abordam sobre o Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola do polo de Juara-Sinop.

O povo Apiaká sempre praticou a liderança de forma coletiva e as decisões sempre são ouvidas e negociadas entre as pessoas da comunidade, esse jeito de fazer está presente desde os nossos antepassados porque procuramos atender a comunidade de uma forma que todos tenham benefícios iguais.

Na metodologia da pesquisa Apiaká há cinco elementos fundamentais: 1. Observação das práticas culturais da comunidade; 2. Saber ouvir a experiência dos anciãos; 3. Respeitar a oralidade de crianças, jovens e anciãos; 4. Escrever e registrar o que as pessoas da comunidade orientam; 5. Valorizar a cultura e o processo histórico do povo Apiaká.

Na pesquisa, a observação da prática cultural se deu na produção da farinha e na pesca com timbó. As experiências dos anciãos foram ouvidas nos ensinamentos das práticas culturais e nas opiniões sobre os livros do Projeto ASIE; com respeito ouvi a opinião de crianças, jovens, adultos e anciãos sobre quais saberes indígenas da cultura Apiaká trabalhar. O registro foi feito nesta dissertação e no produto educacional, valorizando a nossa cultura e o nosso processo histórico, principalmente, em relação a situação sociolinguística do meu povo.

3. SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: HISTÓRIAS E ESCUTAS QUE FORTALECEM A LÍNGUA E A CULTURA APIAKÁ

Nesta seção apresento o início do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola Leonardo Crixí Apiaká, na aldeia Mayrob, relato a história e os diálogos feitos na pesquisa com as pessoas da comunidade sob escuta e também o dizer a palavra. Para Freire (2011), dizer a palavra é ter a possibilidade de transformar o mundo. Para nós Apiaká, dizer a palavra é sair do silenciamento e poder lutar pelos nossos direitos. É falar da nossa experiência, da nossa existência e dos nossos sonhos de presente e de futuro.

No projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, o povo Apiaká pode dizer a sua palavra porque escolhemos as temáticas, os conteúdos e o que fazer, ainda que tenha sido um desafio, um desafio que continua, mas temos nos esforçado para continuar a retomada da língua e da cultura.

3.1 História do projeto ASIE na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Krixí Apiaká - Aldeia Mayrob

O projeto Ação Saberes Indígenas na Escola iniciou em 2017 com os três povos Apiaká, Kayabi e Munduruku da Terra Indígena Apiaká/Kayabi no Município de Juara-MT, Rio dos Peixes.

Do ano de 2017 até 2024, participamos do Projeto ASIE na Escola Leonardo Crixí Apiaká no polo Juara-Sinop – UNEMAT-UFMT, tendo como professores formadores a Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira e o Prof. Alceu Zoia, hoje eles continuam do nosso lado mesmo sem ser pela UNEMAT. Quando o projeto começou, foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, uma grande conquista para nós professores, professoras e todos(as) do povo Apiaká, pois proporcionou o fortalecimento e a valorização dos saberes culturais e da língua materna. Somos lembrantes da língua Apiaká, porém, cada vez mais, temos buscado o fortalecimento da língua materna.

Desde então, aconteceram várias reuniões e formações continuadas para os professores(as) em Cuiabá e na aldeia Mayrob, na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. As reuniões, quando realizadas na aldeia, sempre foram realizadas com a equipe escolar e com a comunidade para escolher o que faríamos na produção de materiais pedagógicos.

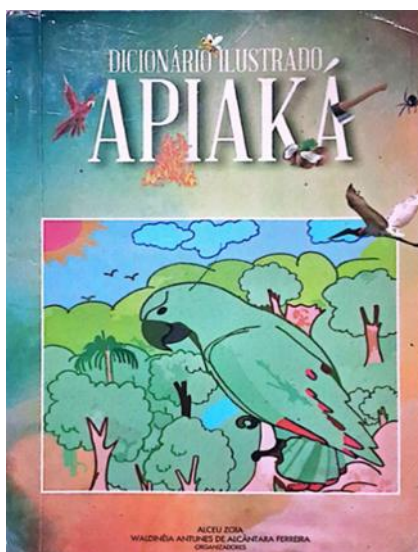
Na época em que iniciou, a comunidade se reuniu e decidiu fazer um livro com figuras e palavras na língua materna, um pequeno dicionário/vocabulário ilustrado com palavras na

língua Apiaká (Figura 8). A dificuldade era muito grande porque o nosso povo não fala a língua materna, e já não tínhamos falantes. O único falante da nossa aldeia é o senhor Pedrinho Kamaçuri Apiaká e, como referência, tínhamos um material escrito com a ajuda dele, o livro Palavra Apiaká.

Com pesquisas nesse livro e conversas com alguns lembrantes de palavras da nossa língua, e com a participação de professores(as) da aldeia que pesquisaram a língua Apiaká, realizamos reuniões com os mais velhos e os jovens e conseguimos elaborar o primeiro dicionário/vocabulário ilustrado Apiaká. Todos contribuíram como colaboradores: os(as) professores(as), alunos(as), anciãs e anciões. O uso desse material tem sido importante para/na escola, ele é um importante instrumento didático para o ensino da língua na escola.

A construção do livro foi pensada passo a passo, e atualmente é um dos materiais didático-pedagógicos específicos do povo Apiaká que servem como incentivo ao ensino e aprendizado para o povo Apiaká.

Figura 8 - Capa do dicionário Apiaká



Fonte: Morimã, 2025

Para a segunda produção de 2018-2019 de 2020- 2021, foram realizadas formações com a parceira de pesquisadores das Instituições de Ensino Superior (IES), das Secretarias de Educação e dos povos indígenas em cada aldeia de cada povo, e assim foi produzido o livro Práticas Pedagógicas Interculturais Apiaká (Cuiabá-MT, 2022).

Figura 9 - Livro produzido no projeto ASIE



Fonte: Coeduc, 2026

Este segundo livro apresenta as Práticas Pedagógicas Interculturais Apiaká, está organizado em texto, ilustrações e atividades e foi elaborado pelos próprios professores, professoras e estudantes da Escola Estadual Indígena Leonardo Crixí Apiaká e pela comunidade (Figura 9).

O presente livro relata o surgimento do povo Apiaká, quando o peixe jacundá, ao pular em terra e não conseguir mais voltar para a água, se transformou em um indígena Apiaká. Também traz a história de resistência do povo Apiaká do século XIX ao século XX. Naquele período foram alvo de massacre e a população era numerosa, conhecida como povo guerreiro.

Esta obra também apresenta textos sobre animais, aves, peixes e frutas que fazem relação com o contexto de vivência do povo Apiaká da aldeia Mayrob. As atividades pedagógicas foram desenvolvidas para atender e buscar um trabalho de revitalização cultural, principalmente, a língua materna que nós, povo Apiaká, vêm buscando há anos.

Conforme Krixí e Ferreira (2024), os materiais, os livros, a formação continuada do projeto ASIE tem contribuído com a educação escolar indígena, com a alfabetização e o letramento, bem como contribui com a constituição da “pedagogia Apiaká que é feita sob a compreensão da cultura, estabelecendo nexos entre outros saberes, uma pedagogia que está na vivência, na aldeia e nas compreensões da história que é utilizada na educação escolar indígena Apiaká” (Krixí e Ferreira, 2024, p. 7-8).

Portanto, o projeto tem sido importante para a comunidade e para as ações pedagógicas da escola. Faz parte da nossa política linguística, pois entendemos que a política linguística do nosso povo Apiaká amplia para o ensino e para que possamos aprender a língua materna na oralidade e na escrita, que desperte para os estudantes a discussão e a valorização cultural e linguística.

Durante toda a execução do projeto, sempre tivemos formação continuada de professores(as). Participei desde o início como voluntária. A formação e participação teve como objetivo atender a nós professores do povo Apiaká e também na produção de materiais didáticos. O projeto promove

[...] estudos e/ou formação continuada de professores indígenas do ensino fundamental (anos iniciais) da educação básica sobre o letramento e numeramento na perspectiva Intercultural e multilíngue, bem como a produção colaborativa de materiais didáticos nas escolas indígenas (Cixi, Cixi e Zoia, 2021, p.84)

No ano de 2024 o núcleo Juara-Sinop (UFMT-UNEMAT) deixou de existir e hoje fazemos parte de um núcleo maior dentro do Projeto ASIE, junto com a Universidade Federal de Mato Grosso. De acordo com Silva, Grando e Nunes (2024), a Secadi/MEC definiu a Rede ASIE UFMT, constituindo-a com o Núcleo UFMT, o Núcleo UFR e o Polo IFMT, incluindo 240 professores.

Atualmente, o núcleo UFMT atende 14 etnias indígenas e tem como objetivo a valorização das características linguísticas, epistemológicas e culturais que reafirmam as identidades étnicas em consonância com os saberes de cada território, fortalecendo suas lutas e resistências contra a colonialidade do saber, fazer e ser, que são desafios recorrentes nas relações com as instâncias de gestão de suas escolas (Silva, Grando e Nunes, s/p, 2024).

Desde que começamos a participação, estivemos presentes nas formações que ocorreram em Cuiabá-MT com os coordenadores locais, do povo Apiaká e com a professora Ivanete Kixi, além da professora Cristina Leite Tukumã assumiu o lugar de Formadora do Projeto ASIE, ambas as professoras são moradoras na aldeia Mayrob.

Como já expliquei acima, o primeiro livro escrito por nós foi o Dicionário Ilustrado Apiaká e o segundo foi Práticas Culturais Pedagógicas Apiaká. Nas duas produções, os próprios professores(as) e alunos(as) da escola foram colaboradores, e com a ação do projeto temos materiais produzidos para trabalhar na escola com estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio.

A organização final dos materiais é assumida pelos professores(as), mas o processo de criação do material é feito juntamente com os gestores, professores(as), estudantes, pais e todas as pessoas da comunidade, todos colaboram na produção de materiais:

[...] no Projeto ASIE, como ação desenvolvida em Juara, pautamo-nos na dialogicidade Freireana (2016) como recursos metodológicos que nos auxiliam a materializar essa proposição, viabilizando o diálogo mediado nas práticas pedagógicas da formação. Esse diálogo se estabelece de forma não hierárquica quando criamos os espaços de educação entre todos os participantes das ações, como apreendestes e ensinastes ... (Ferreira, Zoia e Grando, 2020, p. 7)

Já aconteceram várias formações em Cuiabá (Figura10), em 2017 a formação foi realizada com a participação da professora pesquisadora Esther Pilar Grossi. Segundo Krixi, esse encontro dialogou muito sobre a alfabetização a partir do letramento, ou seja, o uso daquilo que mais conhecemos e que tem importância para nós.

Figura 10 - Encontro em Cuiabá dos supervisores do ASIE



Fonte: ASIE, 2017

Também tivemos formações coletivas entre os três povos, sempre com a participação do Professor Alceu e da Professora Waldinéia que nos orientaram e auxiliaram nas organizações pedagógicas, ela nos escuta e vai nos ajudando a organizar, mas somos nós que fazemos e que decidimos o que é mais importante para ser trabalhado.

Como já relatado, nas aldeias da TI Apiaká Kayabi, por muitas vezes, reunimos os três povos e compartilhamos as nossas produções, mas também nos reunimos bastante para decidir os temas nas nossas aldeias e para acompanhar o trabalho que vai sendo desenvolvido. Em 2023

aconteceu o encontro com os três povos na aldeia Mayrob (Figura 11) para estudarmos o que era a etnomatemática, ou a matemática indígena intercultural. O povo Kawaiwete apresentou, na oralidade e no exemplo prático, como fazer o cocar e os saberes da ciência sobre como fazer o tamanho das penas, a circunferência da cabeça, contando história de como aprendeu e como ele ensina. O Povo Munduruku apresentou o abano feito de folha de bacuri e fez o trançado, mostrando a posição e explicando todo o processo da matemática usada. E depois nós mostramos e apresentamos nossa roça de mandioca, e como fazemos a nossa farinha, como medimos a quantidade de mandioca para fazer o tanto de saco de farinha que precisamos; ainda, demonstramos como fazer o beiju. Nos encontros dos saberes também aprendemos outras formas de matemática, e nas atividades as crianças da escola e comunidade também participam.

Figura 11 - Formação com os três povos na aldeia Mayrob



Fonte: Fotografia de Alceu Zoia, na formação do ASIE, aldeia Mayrob, 2023.

Além disso, os temas que são decididos para trabalhar no projeto ASIE são assumidos por todos os professores(as) e são trabalhados junto com os alunos(as). O tema é decidido junto com a comunidade, mas depois a responsabilidade de organizar como será trabalhado é responsabilidade dos professores e das professoras da escola (Figura 12). Na formação de 2025, estudamos sobre o tema gerador e construímos cartazes da nossa temática e tudo que poderia ser estudado com ela, e nós professores(as) nos organizamos em grupo para estudar e ler os textos de Paulo Freire e de Jaime Zitkoski, e depois dialogamos bastante para planejar o que faríamos.

Figura 12 - Encontro ASIE entre Professores(as)



Fonte: Morimã, 2025.

3.2 Diálogo e Escutas com os professores e lideranças da comunidade

Todo processo da pesquisa está permeado pela escuta enquanto metodologia de pesquisa, mas também como atitude Apiaká. A escuta Apiaká é interculturalizada, ela reúne os nossos saberes sem deixar de ouvir outras experiências que possam ajudar o povo Apiaká. Saber ouvir é uma atitude para aprender. Para Freire (1996, 2011), escutar é uma prática educativa e necessária porque na escuta descobrimos o que é e o que há de verdadeiro. A escuta possibilita aprender e também se libertar das opressões porque podemos planejar o que queremos para a nossa comunidade. Esta pesquisa foi desenvolvida sob a atitude da escuta.

O primeiro momento da pesquisa foi nos reunir com todos da comunidade, marcamos a data para dialogar com os professores(as) e lideranças da comunidade de uma forma que todos entendessem o assunto da pesquisa e contribuíssem com ela. Conversei anteriormente com o cacique sobre dialogar sobre o livro Ação Saberes Indígena na Escola Apiaká, expliquei sobre a fundamentação do diálogo e análise dos livros produzidos pelo projeto.

No dia 05 de fevereiro de 2025 iniciei os encontros de análise dos livros, expliquei que o diálogo seria sobre os livros publicados e escritos no desenvolvimento do Projeto Ação Saberes Indígena na Escola Apiaká. Assim, apresentei os livros que foram produzidos por nós dentro do projeto ASIE. O primeiro livro apresentado foi o Dicionário ilustrado Apiaká com nomes de animais e plantas nas línguas materna e portuguesa; o segundo foi Os saberes do povo Apiaká. Também levei alguns exemplares e entreguei para cada participante, e expliquei para que todos compreendessem e manuseassem o material.

Para que a reunião acontecesse, conversei com o Cacique e fiz o convite para as famílias, depois organizei o espaço no salão central da comunidade, com as cadeiras colocadas em círculo para que pudéssemos conversar olhando uns para os outros.

Figura 13 - Reunião no salão central da comunidade



Fonte, Morimã, 2025

Nesta reunião de análise dos dois livros do Saberes, escutei opiniões e dialoguei com todos os participantes presentes, as lideranças, o Cacique, os professores(as). Perguntei: O que seria importante para o estudo dentro da escola do povo Apiaká? A organização dos livros está de acordo com o que gostariam que fosse estudado? Há outros temas que deveriam ser estudados? A opinião de cada participante contribuiu para que possamos junto com todos da comunidade, professores, alunos, lideranças e anciões estudar, vivenciar pedagogicamente e propor temas para estudo e elaboração de novo material de práticas culturais em língua portuguesa e na língua materna.

Durante o diálogo, comecei a ouvir as opiniões, fui relatando e gravando com celular sobre as atividades e a importância do livro pedagógico no ensino das crianças dentro da educação escolar do povo Apiaká. Durante o diálogo, um da liderança falou sobre a nossa dificuldade de não ter falante do povo Apiaká - esse foi o primeiro questionamento. Escutei

várias pessoas falarem dessa dificuldade que nós temos, mas nem por isso podemos deixar de viver e ensinar os saberes tradicionais.

Ao olhar o material todos estavam alegres, mesmo que já conheciam e participaram de todo o processo: “*Agora que olhamos esse material de novo podia ter escrito mais coisas da nossa cultura, ele seria mais forte, mas temos dificuldade porque não temos falantes do povo Apiaká*” (Lucildo Krixí Sabanes). Compreendo que mesmo na dificuldade, o fortalecimento dos saberes tradicionais através do projeto trouxe um avanço e uma oportunidade para produzir livros específicos para o povo.

Apresentei os motivos da análise do livro, a pesquisa no PPGECEII como mestranda e a professora Ivanete Krixí apoiou a minha pesquisa, opinando que é importante ter pesquisa sobre o Projeto ASIE na nossa aldeia pois se trata de um

Projeto muito importante para nossa comunidade que ajuda nas produções de materiais didáticos. Como nós do povo Apiaká fazemos parte desse projeto... recebemos bolsas para desenvolver e produzir os livros didáticos específicos do próprio povo e, por isso já temos dois produzidos um dicionário ilustrado e outro com atividade de prática culturais Apiaká. É um trabalho desenvolvido conforme os nossos saberes e com os conhecedores da cultura (Ivanete Krixí).

Ou seja, o projeto de pesquisa, o projeto ASIE e o projeto que a comunidade quer se misturam e se complementam, e os sabedores da cultura são pessoas de muita importância para ajudar nessa construção.

Todos os presentes prestavam bastante atenção nas falas que aconteceram nas reuniões e sempre acenavam com a cabeça, concordando com a fala da professora Ivanete que acrescentou que o desenvolvimento da pesquisa é muito importante, e lembrou que como é no mestrado profissional, terei que desenvolver um produto pedagógico. Ainda observou que o importante agora é que *antes eram os brancos que faziam registro sobre o nosso povo, mas que agora somos nós mesmos os próprios pesquisadores.*

Sabemos que o Projeto ASIE passou por reorganizações na sua equipe e que neste período, desde que está funcionando, temos contado muito com a coordenadora local e também com a professora formadora. Sobre a mudança da equipe, explicou-se que a nossa escola continua dentro do Projeto Ação Saberes Indígenas, junto com a Universidade Federal de Mato Grosso e que estaremos dando continuidade as produções de materiais. Disse a professora Ivanete que

Continuamos o que avinhamos fazendo, as formações e o fechamento das nossas ações pedagógicas e elaboração de material, que esse ano temos que terminar as produções de materias que já iniciamos. E

trabalhamos com esses livros na escola com os alunos fazendo leituras, ensinando palavras na língua Apiaká.

As avaliações dos livros trouxeram várias falas de que o projeto é bom e que ajuda o povo Apiaká de várias formas, principalmente, na organização pedagógica para fortalecer a escrita, a leitura e a pesquisa com a cultura e com a língua Apiaká. Ouvi que *“a língua é muito importante, nós não falamos, mas nós temos que praticar o que ainda sabemos e ensinar as crianças a falar pelo menos as palavras, frases, nomes de animais, peixes, frutas aves e de alimentos”* (Ivanete Krixí). E que *“Temos uma história sofrida de violência e a língua foi prejudicada, mas a escola tem ajudado e as crianças tem aprendido as palavras e cantam na língua materna”* (Evaldo Morimã)

Compreendemos que a língua é muito importante, nós não falamos, mas nós temos de praticar o que ainda sabemos e ensinar as crianças a falar pelo menos as palavras, frases, nomes de animais, peixes, frutas, aves e alimentos. A língua para nós está apenas adormecida e aos poucos vamos descobrindo e aprendendo novas palavras e produzindo pequenos textos, sempre com a ajuda dos anciãos e da professora Cristina Leite Tukumã.

Os comentários acima nos ajudam a entender a dimensão que essas produções ocupam no processo de valorização dos nossos saberes. O povo Apiaká está sendo visto pelas pessoas, antes não eram porque não havia trabalhos, nem divulgação sobre o nosso povo e nem sobre os nossos saberes culturais, hoje somos vistos através desses trabalhos, somos vistos pela sociedade. Por isso temos de valorizar os nossos próprios saberes e nossa cultura Apiaká.

Outro ponto importante que foi dialogado é que com a produção dos materiais do Projeto ASIE, o povo Apiaká passou a ter maior visibilidade porque já passou até discriminação por não falar a língua, até mesmo pelos outros parentes por não sermos falantes da língua ancestral.

O projeto tem ajudado nesse fortalecimento não só da escola, mas também do povo que participa junto. E hoje o povo Apiaká tem sido respeitado pelas pessoas que antes descreditavam nosso povo. Sempre soubemos que mesmo sem falarmos nossa língua, nunca deixamos de ser Apiaká, mas os outros entendiam de forma diferente e duvidavam de nós. Os trabalhos e a divulgação sobre o nosso povo e sobre os nossos saberes culturais contribuíram muito para que pudéssemos ser reconhecidos pelos outros parentes, pela sociedade não indígena e hoje somos vistos não apenas pelos trabalhos que escrevemos, mas, principalmente, porque evidenciamos a nossa cultura e comunicamos ao mundo que somos Apiaká.

Os diálogos e as escutas foram realizadas, e pedi aos presentes olhassem o material com cuidado e para que percebessem se havia alguma coisa que poderemos modificar e aprofundar. Sobre isso, o professor e liderança da comunidade Lucildo Krixí Sabanes ressaltou que *“é muito*

importante analisar os livros o que traz dos saberes o que tem, o que ainda falta, e será importante registrar a prática do timbó, e também as palavras, frases, nomes de peixes, animais, aves frutas, alimentos e nomes de artesanatos na língua Apiaká e na língua portuguesa, que ainda não tem”.

Conforme o professor Lucildo, é preciso incluir nos estudos do projeto ASIE o que ainda não foi colocado no livro. Compreendo que para que isso aconteça, é necessário muita pesquisa e colaboração de todos na comunidade como já vem acontecendo. O timbó é muito importante para o povo Apiaká e precisa estar dentro do projeto ASIE porque já é uma prática do calendário escolar. Ele explica que *“o timbó é umas das práticas culturais do povo Apiaká, e vem desde os nossos antepassados e faz parte no calendário escolar é um dos saberes que ainda todo o ano fazemos essa atividade com a comunidade alunos, pais e professores/as”* (Lucildo Krixí Sabanes).

Na avaliação que ele faz dos livros dos Saberes Apiaká produzidos pelo projeto ASIE, explica que é um material que traz ensinamento para as crianças e que está sendo muito importante porque todos os professores, alunos(as) utilizam, inclusive os alunos que estão cursando Graduação fora da aldeia.

Ao discutir sobre a inclusão da pesca com timbó dentro do Projeto e na publicação de livro, os comentários feitos foram sobre a preocupação com a realização dessa nossa prática cultural porque o clima está totalmente mudado, e tem sido difícil realizar a pesca com timbó no período que era feito anteriormente. *“Está sendo muito preocupante porque cada vez está sendo difícil, os peixes são poucos e os lugares não são como antes, o clima está totalmente mudado”* (Lucildo Krixí Sabanês).

Acredito que trabalhar a pesca com timbó é importante, e ao mesmo tempo podemos trabalhar sobre o rio, as mudanças climáticas, os tipos de peixes, tipo de timbó, utilizando a língua portuguesa e a materna no que conseguirmos. Esse registro é para nós trabalharmos com pesquisa, escrevendo e fazendo os desenhos junto com os alunos. Os anciãos vão orientando junto com os professores e professoras. Além de viver essa prática cultural que é da vida e da memória do povo Apiaká, ainda é importante fazer o registro que *“vai ficar para as futuras gerações, para quando forem pesquisar que o povo Apiaká tinha das práticas culturais e que nunca deixaram de praticar o costume tradicional. Com publicação é um material que vai servir como referências, assim como os livros, artigos que estão sendo produzidos pelos professores e alunos e comunidade e vamos fortalecer os saberes culturais, mesmo com muitas dificuldades de não ter ninguém que fala a língua materna”* (Lucildo Krixí Sabanês)

Lucildo Krixi Sabanes, além dos livros do projeto ASIE, fala também da cartilha Palavra Apiaká, *Nhandé nhe'eng*, um material que foi pesquisado pela antropóloga Giovana Acacia Tempesta em 2009. É com esse livro que nós professores desenvolvemos atividades com os alunos dos anos iniciais e do ensino médio, um material bem valorizado pelos professores no ensino dos nossos alunos(as), e por isso temos de utilizar e cuidar.

A metodologia desse processo de escuta foi feita sem que haja muitas interrupções porque esse é o jeito Apiaká de fazer nossa reunião, escutamos o que o outro está falando e cada um que quer falar tem a sua vez, o seu tempo para poder expressar sua opinião. É importante registrar que essa reunião durou das 15:00 até aproximadamente 20:00 horas.

Nesta dissertação estão registradas as opiniões mais diretas porque cada momento em que se falava de um tema, os mais velhos contavam as histórias sobre o que estava sendo falado. A reunião era de avaliação dos livros do Projeto ASIE, mas o mais importante foi ouvir os saberes, os conhecimentos que foram contados e compartilhados no período da reunião.

Evaldo Krixi Morimã (cacique), analisando o livro, achou que está bem feito e representado;

O livro está muito bom e importante que o livro foi ilustrado pelos próprios alunos da escola, as crianças através desses livros conhecem as histórias e as práticas culturais que são vividas na aldeia. É importante cada vez mais registrar, produzir materiais pedagógicos para as crianças com as culturas que são feitas dentro da nossa aldeia (Evaldo Krixi Morimã)

O cacique trouxe em sua fala a opinião de que o projeto ASIE na aldeia Mayrob é muito bom porque leva todo mundo a pensar e a querer fortalecer cada vez mais a cultura, e as crianças a aprender ler, escrever, cantar música na língua materna. Porém, ainda acrescentou que na visão dele tem muito pouco das práticas culturais registradas no livro. Ele disse: *Tem muito poucas práticas culturais registradas no livro sendo que o povo Apiaká tem muitas histórias, cantos, pinturas e outros saberes tradicional e principalmente palavras na língua Apiaká que ainda falta nos livros (Evaldo Krixi Morimã)*

Para ele:

É importante registrar a prática da pescaria do timbó, porque tem havido grande dificuldade dos espaços lagoa e os peixes está sendo difícil fazer essa prática, será que vamos ainda ter por muitos anos essa prática da pesca do timbó? Neste ano as lagoas secaram e não pudemos fazer a pescaria, isso preocupa... então pelo menos deixar

registrados as práticas em livros ilustrado e histórias a as futuras crianças podem conhecer nossos saberes (Evaldo Krixi Morimã)

Todos ouviram o cacique e apoiavam as falas, e já era a segunda vez que a prática cultural da pesca do timbó estava aparecendo na reunião. É uma preocupação de todos porque estamos vendo que o nosso território foi impactado pela seca do ano de 2024. Ele, como cacique, apoia a todos que querem trazer melhoria para a comunidade.

Agnes Fernandes França, liderança mulher e vice cacica da aldeia, falou sobre a importância de os professores(as) estudarem e registrarem os saberes tradicionais do povo, pois todos os professores(as) que fizeram faculdade têm algumas coisas registradas de práticas e que também desenvolveram na formação durante faculdade. Ela disse: *todos os professores(as) quando estudam na faculdade pesquisam uma prática da cultura, então tem muita coisa que pode fazer parte dos livros dos saberes do projeto (Agnes Fernandes França)*

Na avaliação que fez dos livros, ela diz que os livros que foram produzidos estão de acordo com os ensinamentos das crianças. Analisando o livro disse que: *falta mais sobre os saberes Apiaká no livro, pois não tem pinturas, cantos, e as práticas que as mulheres desenvolvem no artesanato sobre os colares, anéis que são feitos com nossas sementes e redes. E também falar das práticas de como são feitas as nossas bebidas e comidas tradicionais.*

A fala da liderança Agnes Fernandes França é muito importante porque ela apresenta o que deve aparecer no projeto sobre a mulher indígena, segundo ela porque tem muito do povo para inserir, e é muito importante a comunidade apoiar os professores e alunos que estão estudando e que produzem e trazem o retorno para a comunidade. Ela disse que, no ensino das crianças, elas têm mais facilidade de estar desenvolvendo o aprendizado das crianças porque elas conhecem as figuras e está de acordo com os saberes tradicionais.

Adolfo Gomes Morimã, uma das lideranças de mais idade do povo Apiaká, conhecedor dos saberes da cultura e histórias do nosso povo Apiaká, apoiou a pesquisa e falou da importância do trabalho que os professores(as) desenvolvem na comunidade. Ele disse: *é dessa forma que temos cada vez mais que avança nos estudos, pesquisando as histórias, as práticas culturais porque temos muito a ser escrita, registrado e deixar para os netos, para as nossas crianças.*

O senhor Adolfo falava bem mais pausado que os outros, falava com muita sabedoria e os outros escutavam com atenção, ele é uma das pessoas mais respeitadas dentro da nossa comunidade porque ele é o nosso ancião, ele sabe das histórias. Como algumas outras pessoas, ele também está preocupado com a pescaria do timbó, pois a observação da seca das lagoas foi

um aviso de que as mudanças não estão sendo boas e que afetam até a nossa cultura. Para que aconteça a pesca do timbó, os meninos se preparam fazendo os arcos e as flechas e aprendem sobre os tipos do timbó, e se não há pescaria, esse momento de preparação não acontece.

Depois de explicar, ele observou: *não vi nenhum registro sobre o timbó, que é uma prática que vem desde os nossos antepassados. Tem as regras, as formas de como são utilizados... é uma história bem longa, hoje não está tendo mais peixes na lagoa e nos córregos como antes, é por isso foi adotado o timbó manso, porque tinha o timbó natural que não era muito forte, é preocupante e por isso tem que registrar.*

O timbó uma espécie de planta natural, temos duas espécies de timbó: o timbó de folha fina, também conhecido como timbó natural, é igual uma planta e manso; o timbó manso é uma espécie de árvore bem baixa, utilizamos apenas suas raízes pois são bem venenosas. Chamamos de manso porque é o mais forte e, ao ser lançado dentro da lagoa, os peixes que estão dentro não sobrevivem. O timbó manso não precisa ser muito, um pouco de raízes é o suficiente

Essas duas espécies são plantadas na roça ou em um espaço longe de casa, e quando é época de pescaria com timbó, são arrancadas as raízes e levadas para a lagoa. Quando o pessoal começa a bater as raízes na água, elas têm um tipo de líquido branco, uma substância química que é bem perigosa para qualquer ser vivo. A Figura 14 mostra o timbó manso e suas raízes.

Figura 14 - Timbó - Plantas e raízes



Fonte: Morimã, 2026

O timbó natural era o usado antigamente pelo povo Apiaká, hoje temos utilizado mais o manso que, ao contrário do nome, não é manso porque mata mais rápido, apenas três raízes

pequenas são suficientes para matar o peixe. O uso desse timbó deve-se ao fato de que o timbó natural que nós usávamos desapareceu por causa de muita queimada. O timbó natural ainda pode ser encontrado no território, mas estamos usando mais o manso e é esse que as crianças mais conhecem.

O ancião também disse que é muito importante guardar os livros que são produzidos, e lembrou de quando vieram entregar o segundo livro, ele estava presente e achou muito importante o Projeto ASIE fazer a entrega desses materiais específicos para nossa escola. Também observou que com a entrega do livro didático houve o retorno para a comunidade, e o livro está ajudando no ensino das crianças na escola e na comunidade. Por isso ele apoia cada vez mais nossos professores(as) com esse trabalho de ensinar os(as) alunos(as) e de estar cada vez mais elaborando livros, cartilhas e mais materiais didáticos da cultura para divulgar e registrar as práticas do nosso povo Apiaká.

Finalizando a reunião, todos falaram que concordam com a pesquisa e produção de livros específicos. Adolfo lembrou em sua fala que todos os trabalhos feitos pelo/para o povo Apiaká são muito importantes e que temos de cuidar, pois não é fácil elaborar os materiais e realizar o trabalho contínuo de retomada e preservação. E ele acha muito importante ter mais exemplares para a comunidade e para as futuras gerações porque temos nossa cultura e costumes.

Como pesquisadora na aldeia, me coloco nesta condição: a escuta é um pouco diferente, mas me emociona porque é o que vivo e o que também sinto que é preciso fazer, e a língua é importante porque muitas vezes fomos discriminados e até duvidaram se éramos indígenas, mas o processo violento de massacre que sofremos resultou no impacto linguístico. Não falamos em morte linguística porque ainda resistimos do nosso jeito, com o que podemos. Conforme Ferreira (2014), a escuta não se faz apenas pelo ouvido, mas pelo coração, pelo diálogo, escutar ultrapassa o sentido do ouvir e aprofunda-se no sentir que é da cultura, da natureza, das pessoas. Assim, há um saber na escuta que se aprofunda no sentido da cultura.

Nesse processo de escuta, os anciãos, lideranças e professores(as) disseram que precisamos pesquisar e registrar mais sobre a pesca do timbó, nossos artesanatos, atividades da mulher indígena, e escrever e estudar sobre eles. Também mencionaram fortemente a prática do timbó e o término da atividade que já iniciamos sobre a prática da farinha e os diferentes desdobramentos, a roça de mandioca, os tipos de mandioca, como fazer a farinha, o beiju, o polvilho, a tapioca.

Compreendo, a partir das opiniões, o ensino específico e diferenciado é de grande importância para meu povo, e que os livros dos Saberes são importantes na/para nossa

comunidade. O ensino específico e diferenciado atende as necessidades das comunidades indígenas porque articula conhecimentos indígenas (Brasil, 1998) e a produção e a utilização dos livros específicos de leitura e informações que são publicados, por exemplo, pelo projeto ASIE atende o que a comunidade quer, principalmente, da nossa cultura e da língua materna. Também observo que podemos ampliar os temas a serem estudados e publicados pelo projeto ASIE.

3.3 Ouvindo os estudantes sobre o uso dos livros produzidos na escola em participação no projeto.

Outra etapa da pesquisa foi desenvolvida junto aos estudantes, também perguntei a eles sobre os livros e ainda fiz observação. A observação foi realizada no ano de 2024 com as estudantes do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, porque a organização as salas de aula na aldeia geralmente são organizadas por número de alunos, então sempre será de forma multiciclada, com os alunos que estudam na mesma sala, que estão em anos ou ciclo diferentes ou até mesmo em idades diferentes. Trabalhei os dois livros com essa turma e ouvi os relatos dos alunos que receberam os livros dos saberes, eles gostaram muito e logo foram escrevendo, pintando os desenhos e identificando os desenhos e nomes na língua materna, eles usaram até não ter mais atividades naquele livro.

Durante as aulas, me coloquei sob escuta para ouvir os estudantes sobre os livros do projeto ASIE, um dos livros que usamos em nossas aulas. Ouvi atentamente os(as) alunos(as) dos anos iniciais, durante as aulas observei e fiz uma roda de conversa com as crianças. No primeiro momento, pedi para os alunos pegarem seus livros, orientei que eles observassem e identificassem o que tinha e o que não tinha no livro. A observação deles deveria ser sobre os saberes, as práticas culturais, as palavras, as frases na língua do povo Apiaká.

Mesmo que eles já conheciam e trabalhamos com esse material, realizei essa atividade de análise. Eles viam e folheavam o livro, e o mais importante foi que conversavam entres eles sobre aquele livro. Observei que estavam felizes e diziam que era um livro com muitas atividades dos Apiaká mesmo, e era muito bom para estudar.

Perguntei do que eles mais gostavam no livro? Uma das alunas do 5º ano, Thailoane Krixi Saú, respondeu: *eu gosto porque tem a atividade que todas atividades são interessantes no livro tem muitas coisas da cultura e que com esse livro aprendi até ler porque tem desenhos e atividade bem fácil e por isso gosto. E também tem palavras na língua materna, nomes de animais e peixes.*

A aluna Melissa Mori do 1º ano do Ensino Fundamental comentou: *o que eu mais gosto de fazer é de pintar os desenhos e escrever os nomes das figuras, gosto também de falar os nomes na língua materna, mais não tem muito só um pouco.*

Caio Morimã, do 4º ano também disse: *eu gosto de ler, escrever os nomes da figura acho muito legal ter um livro de língua materna, mas não tem muito atividade nesse livro.*

Laurení Gomes Morimã, também do 4º ano do Ensino Fundamental, expressou sua fala da seguinte forma: *gosto de fazer leituras das palavras, os nomes dos animais, dos peixes, das frutas e das aves, acho o livro que tem capa verde muito bom, porque tem pequenos texto para ler.*

Raí Sabino da Luz Morimã, do 3º ano, disse: *é muito legal, tem atividade para fazer, também gosto de fazer as pinturas dos desenhos que tem neste livro.*

Edilson Junior Crixí Morimã, do 2º ano do Ensino Fundamental, observou: *esse livro fala de animais e é muito bom para estudar, e por isso que temos que cuidar do livro.*

Foi assim que os(as) alunos(as) contribuíram, falando o que cada um achou importante e interessante no livro. Durante todas aulas observei como eles(as) eram atenciosos(as), e curiosos iam folhando e riscando, escrevendo, pintando, sem medo de errar, não importava se errassem, estavam bem dedicados.

Quando ouvi cada fala das crianças, fiquei muito feliz. Aquele momento entendi que nós, professores junto à comunidade, devemos cada vez mais produzir nossos próprios matérias específicos.

Depois no ano de 2025 mudei de sala de aula por orientação da gestão da escola e fui trabalhar com os estudantes 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio com Língua Materna e Português. Achei que poderia ouvir os estudantes que estavam em sala de aula comigo e repeti o que havia feito no ano de 2024. Com o trabalho de língua materna sempre utilizo os livros dos saberes, perguntei a eles o que usar aquele livro significava e do que gostavam.

Emily Krixí Morimã, do 9º ano do Ensino Fundamental, comentou; *para mim o livro traz um conhecimento a mais porque, nele tem texto para leitura e também, palavras na língua materna e história, não tem muita das práticas culturais e é muito bom ter livros do nosso povo.*

Evaílson Sabino da Luz Morimã, do 1º ano do Ensino Médio, disse: *o livro dicionário é importante para nós estudar, ter mais conhecimento das histórias, também acho muito importante porque tem muitas palavras na Língua Materna, e com essas palavras podemos aprender cada vez mais a pronúncia. Por isso temos que valorizar os ensinamentos que os mais velhos ensinam os saberes tradicionais.*

Claudilene Burum Sabanes, 3º ano do Ensino Médio, disse: *a importância desses dois livros, para mim traz um conhecimento o que já sabia, mais ver a história do nosso povo nele é lindo, ler palavras, frases, nomes de animais, corpo humano e objetos escritos na língua materna, o que ainda falta que não tem são as práticas culturais, acho muito importante valorizar.*

Os estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio deram suas opiniões sobre o material e propuseram continuar ajudando na construção de novos materiais porque quando estão desenhando e escrevendo, estão aprendendo sobre a cultura nosso povo Apiaká.

Analisando o processo de pesquisa, de diálogo e escuta com as lideranças, professores, professoras e anciões Apiaká, ouvi atentamente opiniões sobre os livros produzidos pelo Projeto ASIE. Apresentei os livros e pude perceber que todos os presentes tinham a mesma preocupação de buscar conhecimento e produzir novos materiais pedagógicos próprios do/para o povo Apiaká, buscando cada vez mais aprofundar sobre a língua materna e as práticas culturais, e fortalecer os saberes ancestrais passar o ensinamento para as futuras geração.

Ouvi nas falas que nossa maior dificuldade é não sermos falantes da língua materna e por mais que seja desafiador, não podemos deixar de viver e ensinar os saberes tradicionais do nosso povo. Ver cada participante falar com um olhar de sonhador, esperança, motivação e incentivo mostrou que foi uma escuta de saber dialogar, ouvir e aprender.

E saber que o projeto ASIE trouxe um grande apoio e valorização da produção de materiais pedagógicos para o povo e também para o ensino dos nossos alunos na escola Leonardo Crixí Apiaká, e está sendo muito importante para o ensino dos nossos estudantes e para a comunidade. Ouvir os alunos foi importante para compreender o quanto os livros trazem uma fundamentação que motiva a buscar e valorizar os saberes e a língua materna.

3.4 A produção de farinha na aldeia Mayrob: conhecimento tradicional, prática cultural e soberania alimentar

O tema gerador que escolhemos foi a farinha na aldeia Mayrob. O trabalho com a produção de farinha de mandioca na aldeia já estava em execução, e como pesquisadora e professora fui acompanhando todo o processo e também desenvolvendo com os estudantes.

O tema gerador de acordo com a pedagogia de Paulo Freire (2011) é um conceito que visa orientar o processo de ensino e aprendizagem, partindo da realidade e dos interesses dos participantes. Ficou decidido que o projeto ASIE iria continuar trabalhando com “a mandioca na cultura Apiaká” porque já havia tido formação entre nós sobre isso e era a continuidade.

No ano de 2025 fizemos coletivamente um encontro para fazer o planejamento dos professores(as), nós fizemos uma roda de conversa e nos dividimos em dois grupos. O primeiro grupo falou sobre o tema gerador e explicou que seria importante que fosse desenvolvido na escola iniciando sobre a origem da mandioca, espaço da roça, plantio, coleta, nutrientes e benefícios da mandioca. Também observamos que o estudo da produção da farinha poderia envolver o conhecimento da área de ciências, português, língua materna, matemática, geografia, agroecologia, saberes indígenas e práticas culturais.

O segundo grupo falou sobre a época da coleta, a economia local, as espécies de mandioca na comunidade, os diferentes tipos de alimentos a partir da mandioca, o espaço geográfico e o local.

O Planejamento ficou elaborado da seguinte forma:

Tema: A mandioca na cultura Apiaká

Disciplinas envolvidas: todas

Período de realização: junho a outubro

Turmas: todas

Colaboração: comunidade, anciãos, professores(as), estudantes(as).

O material a ser publicado pelos saberes é geralmente organizado na sua finalização pelo grupo de professores(as) da escola e com a ajuda de alguns alunos, mas todos os professores(as) e estudantes participam das atividades dos saberes, e nas salas de aula nós seguimos o planejamento geral e o desenvolvemos com as turmas que trabalhamos, e depois fazemos a socialização.

Com a turma que trabalhei em 2025, realizamos as atividades da seguinte forma: em junho e julho, os estudantes pesquisaram com os mais velhos sobre a história da roça, como era feita e se o povo Apiaká tinha roça antigamente, pesquisaram em livros sobre a história e a origem da mandioca.

No mês de agosto, nós procuramos escrever em língua materna como tudo que estava ligado com a mandioca e também os problemas que a roça enfrenta na atualidade, como invasão de porco na roça. As palavras que os estudantes trouxeram foram: *manióga, beiju, tapioca, u'ia, kóga, coivara, maniwa, kaitetu, tasarowa, Sirikía, Sirendera*. Marcador do tempo que anuncia que é período de plantar roça.

Em setembro e outubro, os estudantes acompanharam a escolha do lugar e a coivara da roça, todas as atividades foram feitas na prática, acompanhando as suas famílias junto com a comunidade e os professores(as) porque somos todos juntos. Depois, eles escreveram textos

sobre essa prática cultural. Nesse período, plantamos na roça não só a *manióga*, mas também *Pakôa* - banana; *Paku'aran* - banana grande, *Paku'amanekwi* - banana inajá, *Paku'waig*, *Sityga* - batata, *ka'rasîg* - cará branco, *karahun* - cará roxo, *namu'asîg* - margarita. Esses produtos da roça fazem parte da nossa alimentação tradicional.

Eles acompanharam a plantação na roça (Figura15), mas também já havia roças de mandioca que tinham sido plantadas no ano passado e elas foram retiradas em outubro. E a roça nova foi feita em outro lugar. No lugar onde foi a roça velha não será plantado nada agora porque o solo está descansando e se fortalecendo.

Figura 15 - Plantando manióga



Fonte: Morimã, 2024.

Todos os alunos(as), professores(as) e comunidade participam porque todas as famílias estão fazendo as suas roças. Desde os pequeninhos, mesmo sem estar na escola, já ajudam no plantio das ramas de *manióga*.

Na prática, como já tinha a roça velha, a *manióga* foi coletada, levada para perto do forno, colocada de molho na água para amolecer, e depois de três dias tiramos a casca e passamos na prensa, fazendo a massa ficar seca. Em seguida, essa massa foi peneirada e colocada no forno de farinha e torrada. Esse processo foi todo acompanhado e feito por todos da comunidade junto com a escola. Na escola foi feita a produção de texto e explicado sobre a quantidade de mandioca, por exemplo, 5 sacos de mandioca podem dar 3 latas de 20 litros de farinha, ou seja, 60 litros de farinha. Essa aprendizagem foi sendo construída pela nossa experiência.

Figura 16 - Processo de fazer a farinha



Fonte: Morimã e Ferreira, 2025

Nos textos, os(as) alunos(as) também escreveram sobre os tipos de alimentos da roça, mas a *maniôga* foi estudada com mais aprofundamento, descrevendo os tipos de mandioca, a mansa e a braba. A mandioca mansa serve para misturar com carne, peixe e também para fazer *cauim*; a mandioca braba serve apenas para fazer farinha e polvilho, e o beiju e a tapioca são feitos do polvilho da mandioca braba.

Estudamos em sala de aula e dentro do projeto Saberes Indígenas porque é de forma coletiva e realizando na prática todas as atividades.

Todas as fases de realização do estudo, no projeto e na sala de aula, tiveram a presença da escuta com os anciãos sobre os diversos saberes a respeito da mandioca. O ancião *Adolfo Gomes Morimã* nos relatava alguns saberes da mandioca e revelou que o povo Apiaká tinha uma espécie de mandioca que era conhecida como macaxeira branca, e dela era feita a farinha,

a mandioca cozida e também assada, e dessa mesma mandioca era feito o *akáwi*. Essa, segundo o ancião, é uma espécie que se perdeu. Também relatou para os estudantes que quando eles andavam pela floresta ou mata, sempre levavam junto rama de *manióga* para espalhar pela floresta e servir de alimento para outros animais. Outra informação importante e que faz parte da memória do povo é que, de acordo com este ancião, antigamente não se plantava a mandioca brava.

Ele disse ainda que o povo Apiaká não praticava a derrubada e nem a queimada da natureza para fazer a roça, mas limpava um espaço debaixo da mata e fazia as plantações de *manióga*. Também disse que a própria natureza protegia as plantações.

Outra espécie de mandioca que ele citou foi a *maniquera*, uma mandioca específica para o mingau maniquera que hoje não temos mais. De acordo com a história que estávamos ouvindo, foi com o tempo que nós, Apiaká, conhecemos outras espécies de mandioca brava.

Os(as) alunos(as) também fizeram pergunta as mulheres Apiaká sobre como fazer o beiju e a tapioca, e escreveram um texto sobre isso. Aprenderam as transformações da *manióga* e a transformação da mandioca em farinha, pois ela elimina toxinas da mandioca brava que não pode ser consumida assada ou cozida, mas pelo processo químico que acontece quando ela é torrada no fogo, a massa fica desidratada e forma a farinha. A água ou líquido branco amarelado que sai da massa da *manióga* quando se faz a prensagem, antes da torra, é chamada por nós de *tukupi*. Muitas vezes, os Apiaká colocam pimenta nesse *tukupi*, transformando-o em molho de pimenta para comer com vários tipos de alimentos, em especial tracajá, peixes e outras carnes assadas.

3.5 Pesca do Timbó: Conhecimentos tradicionais e prática cultural

Tema: Pesca do Timbó

Disciplinas envolvidas: todas

Período de realização: agosto de 2025

Turmas: todas

Colaboração: comunidade, anciãos, professores(as), estudantes.

O objetivo foi realizar uma aula da prática do timbó enquanto prática coletiva e cultural do povo Apiaká, transmitida de gerações em gerações. Também: Identificar os tipos de timbó e as lagoas para fazer a pesca do timbó; Conhecer as regras e diferenças que existem da pesca do timbó que faz parte da cultura e da pesca predatória que ameaça a alimentação; Dialogar sobre as mudanças climáticas e alterações do ambiente e do rio.

A metodologia foi feita em duas partes, a primeira foi direcionada para a vivência da prática cultural seguindo todos da comunidade; e a segunda compreendeu o diálogo e a organização das aulas e das escritas sobre a pescaria do timbó.

Os alunos são avaliados na participação de acordo com o envolvimento e desenvolvimento das atividades práticas e também na elaboração de textos, desenhos e compreensão do conteúdo intercultural e cultural.

A Pesca com timbó do Povo Apiaká faz parte dos nossos costumes e é prática cultural do povo Apiaká. Um saber tradicional muito importante que ainda faz parte do cotidiano do meu povo, é também uma das práticas que temos no calendário escolar, conhecida como semana da pescaria com timbó. Durante uma semana, essa atividade envolveu a todos que participaram do planejamento, pais, crianças, jovens e professores. Nessa semana, houve a participação dos alunos e foi realizada a observação das atividades.

A atividade iniciou com a reunião da equipe escolar e depois foi informada em reunião a todos os pais. Em diálogo com os estudantes, pedimos para levarem os mantimentos como cuia ou prato, colheres, canecas, farinha e também água. Enquanto se organizavam, os homens e jovens foram arrancar o timbó.

Temos dois tipos de timbó, a mansa e a folha fina, são conhecidas e chamamos por esses nomes. A mansa é uma árvore que não dá para identificar se é timbó, mas ela é a espécie que mais tem substância, e quando lançada em uma área como lagoa ou córregos, é bem forte. Os peixes acabam ficando tontos e morrendo bem rápido, e vão até beira dos lagos e as crianças e todas as pessoas presentes no local pegam os peixes que boiam.

Nessa atividade, enquanto uns pegavam os peixes, as mulheres e meninas limpavam os animais e acendiam o fogo para assar os peixinhos, os peixinhos foram espetados e também fizemos moquéim para assar.

Após assados, todos foram chamados para comer, sentaram-se em roda, enquanto outros continuram pegando os peixes, as pessoas ficaram até não ter mais peixe na lagoa. Toda a atividade prática teve a participação da comunidade e dos anciãos, como o senhor Agenor Mizaranha Apiaká, a liderança Erivan Morimã Sabino da Luz, Cristina Leite Tukumã, Adeni Gomes Morimã, José Maria Kixi, Agnes Fernandes França. Outros também participaram junto com a escola e com a comunidade.

Figura 17 - Pescaria do timbó



Fonte: Morimã, 2025.

Durante essa atividade, as crianças conheceram os espaços, as histórias, as regras como não fazer xixi no lago, não cuspir, não ir meninas menstruadas, nem mulheres que tiveram relações com seus parceiros e nem grávidas.

Antes de ir na lagoa, as crianças foram orientadas pelos pais. A atividade também envolveu a escola, os professores fizeram a primeira orientação na beira do rio para terem cuidado com os insetos peçonhentos. Após a semana de práticas da pesca, foram desenvolvidas atividades em sala de aula com os estudantes, como: produção de texto, cartazes, desenhos e ajuda no produto educacional.

A pesquisa teve a participação das crianças na sala de aula e também nas atividades práticas que foram desenvolvidas na comunidade. Todos contribuíram para o desenvolvimento do estudo e da produção de materiais.

Fizemos a atividade de escrever texto e também de escrever as palavras relacionadas com a pesca do timbó em nossa língua materna, como por exemplo: *Ýa, ipiá, siwerepára, yru'ywa, iripêma, hékutun, mãawára, páku, arakú, sarapó'i, moataí, iakundá'y, tucunaré, tatá.*

Dessa forma, a pesquisa foi sendo realizada e ao mesmo tempo fui evidenciando os saberes que são próprios do meu povo e que também são elementos utilizados no Projeto ASIE. As formações e os encontros do projeto fizeram com que, cada vez mais, nós da nossa aldeia pudéssemos pensar sobre como desenvolver aulas e produzir materiais pedagógicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo esse tempo do projeto na TI. Apiaká/Kayabi, o estudo trouxe para as escolas e toda à comunidade uma grande valorização dos saberes tradicionais, principalmente na nossa aldeia Mayrob. Avaliação das lideranças, professores e todos da comunidade foi que esse projeto contribuiu e vêm contribuindo com as ações pedagógicas. “Nesse sentido, o projeto ação saberes indígenas na escola tem sido instrumento pedagógico para diferentes ações almejadas pela comunidade, seja em relação a língua ao ensino ou qualquer outro direito coletivo” (Crixí, Crixí e Zoia, 2021, p. 85)

O projeto auxilia na aprendizagem e envolvimento dos(as) nossos(as) alunos(as), e contribui para o fortalecimento da língua materna Apiaká na escola e na produção de materiais didáticos. Quando falo de fortalecimento e revitalização originária refiro-me a uma das lutas que nosso povo enfrenta até hoje, porque o contato com os não-indígenas e também com outros povos, infelizmente, resultou em violências e o meu povo não fala a língua nativa. Manter os nossos costumes e tradição é manter a identidade e a língua revitalizada, cada vez mais presente entre o nosso povo e isso é muito significativo.

Todas as ações feitas pelo projeto Saberes indígenas trouxeram para o povo um caminho importante para valorização dos saberes tradicionais do povo Apiaká. Na produção dos materiais didáticos e na formação dos(as) professores(as) da Escola Leonardo Crixí Apiaká.

O ensino de modo geral entre o povo Apiaká é desafiador, tanto para quem se propõe a ensinar e tanto para quem é aprendiz. A reflexão a respeito das duas línguas utilizadas dentro da aldeia Mayrob, quando se fala em retomar a língua materna ou trabalhar a língua Apiaká e a língua portuguesa, é um desafio muito grande que nós enfrentamos (Crixí, Nascimento, Zoia, 2020). Apesar disso, não deixamos de ensinar, trabalhar e elaborar os conhecimentos ancestrais.

Segundo Crixí, Nascimento e Zoia (2022), o ensino da língua Apiaká se desenvolve em diferentes contextos que nem sempre são favoráveis. A língua materna a ser ensinada torna-se desafiadora por não ter na comunidade falantes que dominem a oralidade e que possam dar o suporte para nós professores, e também os materiais didáticos não são suficientes para os ensinamentos.

Os professores trabalham de acordo com a elaboração do plano escolar e o conhecimento específico pedagógico do povo Apiaká. As ações dos projetos fizeram com que nós professores tenhamos maior desempenho no ensino da língua Apiaká e no plano específico e diferenciado. Trabalhamos com os materiais específicos que ainda são poucos, portanto, nossa comunidade nos apoia na produção de materiais pedagógicos específicos.

Com a pesquisa e com os projetos estou aprendendo cada vez mais sobre a grande importância dos lembrantes porque eles ajudam a retomada da língua. Não é fácil, mas aos poucos nossa comunidade vai avançando. A nossa língua, mesmo que não seja falada fluentemente, nunca deixou de existir por completo. Somos sim um povo que temos a língua materna presente, ela está em cada um de nós, somos lembrantes porque temos a língua viva em nossas memórias, nos sons dos cantos tradicionais, cumprimento, palavras e frases, e buscamos cada vez mais fortalecer o ensino da língua materna. E também buscamos apoio para documentar a língua por meio do Projeto Ação Sabres Indígena na Escola.

A produção de materiais específicos tem contribuído muito para o fortalecimento da nossa língua. Nós povo Apiaká nunca desistimos, sempre trabalhamos com a comunidade e escola o fortalecimento da língua materna, foi através de incentivo da própria comunidade, pois não sabíamos como desenvolver essa prática, foi pensando junto com toda comunidade.

No início, os jovens tiveram a iniciativa de criar um grupo de vinte jovens que tiveram apoio e organização de todos da comunidade, esse grupo de jovens foi desenvolvendo a prática dos cantos tradicionais. Então, a primeira atividade de retomada da língua foi através dos cantos. Depois, tivemos outros projetos e, dentre eles, a produção de materiais através do Projeto ASIE, que trouxe uma grande oportunidade para a comunidade e a escola. Esses materiais fortaleceram o ensino porque são utilizados em nossas salas de aula. Muito importante dizer que o que está nos livros é resultado da nossa produção mesmo. Escolhemos as temáticas, os conteúdos com as produções dos livros produzidos pelo projeto, o uso tem sido importante na escola e instrumento didático fundamental para o ensino da língua materna.

Houve a ampliação do ensino da língua na escola e comunidade e na formação de professores. E mesmo que tivemos outras formações, o projeto Ação Saberes Indígenas permaneceu na comunidade, do qual participamos há bastante tempo, tivemos várias formações de professores(as) com o apoio da comunidade, e demos continuidade aos saberes culturais e principalmente ao ensino da língua materna na escola. O projeto teve recurso para o incentivo de materiais didáticos específicos do povo Apiaká, e eles foram produzidos pelo projeto e pelas escritas do povo Apiaká.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. **A Resistência e (Re)Existência do Povo Apiaká: Processo de (Re)Ocupação do Território Tradicional**. Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

CRIXI, I.; CRIXI J. de A. M., ZOIA, A. Povo Apiaká, Kayabi e Munduruku e o Envolvimento com o Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Maio/Set., Vol. 1, n. 8, p. 82-92, 2021. ISSN 2525-670X. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index> Acesso: 10 dez. 2025.

D'ANGELIS, Wilmar. *Por que revitalizar línguas minoritárias*. In. D'ANGELIS, Wilmar; NOBRE, Domingos (orgs.) *Experiências brasileiras em revitalização de línguas indígenas*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2020.

KRIXI, I., FERREIRA, W. A. de A. Reflexões do projeto ASIE na Educação Escolar Indígena Apiaká: conexões em pesquisa. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres (MT), v.2, e2024010. <https://doi.org/10.30681/rtakaa.v2i1.13232>. Disponível: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/13232>. Acesso: 05 dez., 2025.

FERREIRA, W. A. A., ZOIA, A., GRANDO, B. S. (2020). Aprendizagens dos saberes indígenas na escola: Desafios para a formação de professores/as indígenas. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 28(165). <https://doi.org/10.14507/epaa.28>.

FERREIRA, W. A. de A., ZOIA, A. (Org). **Dicionário ilustrado Apiaká. Coleção Didática Saberes Indígenas na escola em Mato Grosso**, 2018 –Rede UFMT. <https://www.coeducufmt.org>

FERREIRA, W. A. de A. **Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká-Kayabi em Juara/MT: Resistências e desafios**. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KOKAMA, A. **Línguas Indígenas em revitalização e retomada**. Disponível: https://pib.socioambiental.org/pt/Linguas_em_revitaliza%C3%A7%C3%A3o_e_retomada. Acesso: 08/02/2026.

MATO GROSSO. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, 2010.

MATO GROSSO. CEE/MT publica **Resolução sobre Escola Ciclada**. Disponível: <https://www3.seduc.mt.gov.br/-/cee-mt-publica-resolucao-sobre-escola-ciclada>. Acesso: 02/02/2026

POVO APIAKÁ. Práticas pedagógicas e interculturais / Povo Apiaká. — Cuiabá: UFMT, 2021. 80 p.; il. — (**Coleção Didática “Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso”**). ISBN: 978-65-86743-55-5

SILVA, P. da C.; GRANDO, B. S.; NUNES, S. S. G. Saberes indígenas na escola: contribuições da formação continuada em Mato Grosso. In: **Anais Mostra de Extensão. Cuiabá (MT)** UFMT, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/> Acesso em: 07/11/2025

SILVA, J. A. F. U. **A última tarefa. Missionários e índios na ocupação de Mato Grosso**. Monografia (Bacharelado em História). Departamento de História, CLCH/UFMT, Cuiabá – MT, 1987.

TEMPESTA, G. A. **Travessia de Banzeiros: historicidade e organização sociopolítica Apiaká**. 2009. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

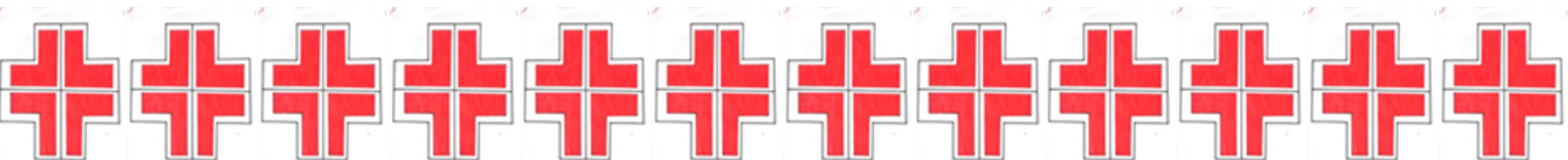
SANTOS, C. A. B., MOURA, N. G. Letramento e discurso: a divulgação de textos por representantes do povo Mundurukú (PA) e a representação social do índio no século XXI. In: SILVA, K. A., ed. **Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania** [online]. Brasília: Editora UnB, 2022

ANCESTRALIDADE E SABERES APIAKÁ

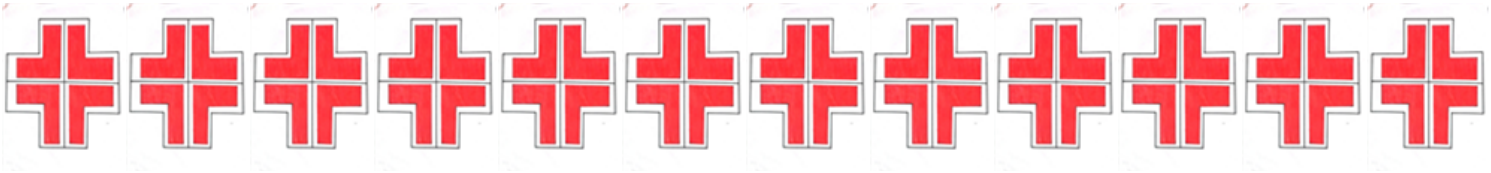


Organização: Marinês Monzalina Crixí Morimã

Orientação: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

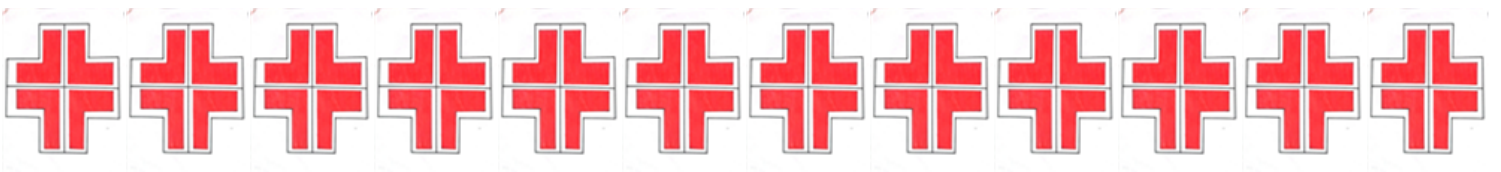


FICHA CATALOGRÁFICA



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. ORIGEM DOS ALIMENTOS DO POVO APIAKÁ	4
3. PRÁTICA ANCESTRAL CULTURAL APIAKÁ: A ROÇA DE TOCO.....	8
4. PESCA DO TIMBÓ, SABER TRADICIONAL DO POVO APIAKÁ: PRÁTICA E COSTUMES	18
5. PEIXINHOS QUE SÃO PEGOS NA PESCA DO TIMBÓ	28



1. APRESENTAÇÃO

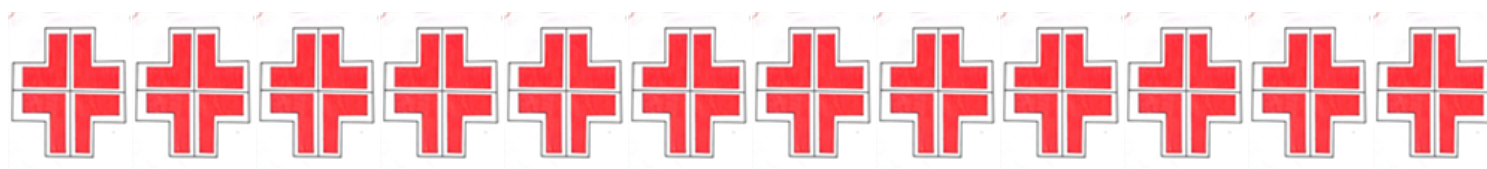
Este produto educacional tem a participação de toda a comunidade do povo Apiaká, no município de Juara (MT), aldeia Mayrob.

É resultado de uma pesquisa coletiva, que inclui análise do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola.

Neste produto pedagógico, desenvolvido com os alunos da Escola Leonardo Kixi Apiaká, apresento as atividades desenvolvidas dentro da minha comunidade com meu povo. Ao tempo determinado de pesquisa, durante fui observando, participando e acompanhando os trabalhos das Práticas Culturais, desenvolvido dentro da Aldeia Mayrob. Dessa forma, segui o planejamento e a metodologia de pesquisa. Quando comecei a desenvolver a minha pesquisa, o primeiro passo foi a reunião com os anciões, lideranças, e os pais dos alunos. A apresentação do projeto e a atividade desenvolvida com os alunos teve a participação dos Ensinos Fundamental e Médio.

O produto pedagógico foi pensado e elaborado como um livro de práticas tradicionais do povo Apiaká, em que apresento a farinha de mandioca e a pescaria com Timbó, umas das práticas que o meu povo ainda tem o costume de desenvolver o saber tradicional.

O resultado das atividades de produção, de ilustração e escrita de texto dos estudantes, envolveu todas turmas, desde os anos iniciais até os anos finais.



2. ORIGEM DOS ALIMENTOS DO POVO APIAKÁ

Os mais velhos que sabem da história dos Apiaká contam que não existia alimentos da *kóga*; como *Manióga*, *Namu'asig*, *sityga*, milho, *Paku'arar*, *Paku'amanekwwi*, *Paku'awaisg*, *Karasig*, *Karahun*, abacaxi e a amendoim. O povo Apiaká, antigamente não faziam *U'ia* de *Manióga*, eles faziam *u'ia* de *Inata* de babaçu, *Inhã* e de *Mānawára* seco Pirakui.

Apiaká fazendo *u'ia* de coco babaçu

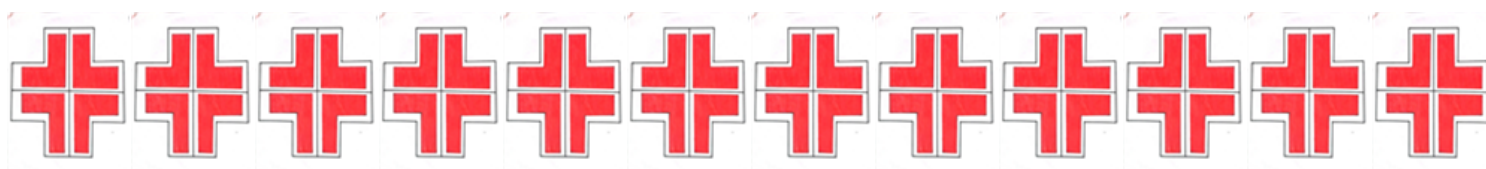


Fonte: Desenho de Evailso Morimã

Segundo a história, foi então que um *Kunumia* resolveu sair da sua aldeia e ajudar seu povo, foi em um lugar bem distante onde havia muita fartura de espécies de alimentos da *Kóga*. O lugar onde o *Kunumia* havia conhecido era lá no céu, ao chegar lá viu que havia muitos alimentos e fartura para seu povo e ficou por muitos *Ko'êm*.

Depois de passar vários *Ko'êm* lá no céu, voltando para aldeia, levou consigo *Pakôa* e mostrou para seu povo. Contou que no lugar onde ele encontrou as *Pakôa* tinha muitos alimentos da *Kóga*.

Pedi para o pessoal plantar a sementinha que tinha dentro da *Pakôa*, então eles começaram a plantar, mas com passar do tempo aquela semente não estava evoluindo.



O *Kunumia*, muito preocupado com seu povo, tomou uma decisão, mas primeiro conversou com sua *Sirendera*, que ia fazer uma grande *Kóga*. Sua *Sirendera* respondeu: como vai fazer uma grande *Kóga* se não temos mudas para plantar?

Ele respondeu: tem calma, tive uma ideia...

Ele começou a fazer a grande roçada, e assim foi passando os *Ko'êm*...

A *Sirendera* logo disse ao *Sirikía*: Quando chegar o *Ko'êm* que você for tocar *Tatá* na *Kóga* me avise que vou também, como ele não separava de sua *Sirendera*.

Ele disse: está bom.

Quando chegou o *Ko'êm* da queimada da *Kóga*, o *Kunumia* chamou sua *Sirendera* e contou o que iria fazer, e explicou a ela o que ela deveria fazer ao voltar da *Kóga*.

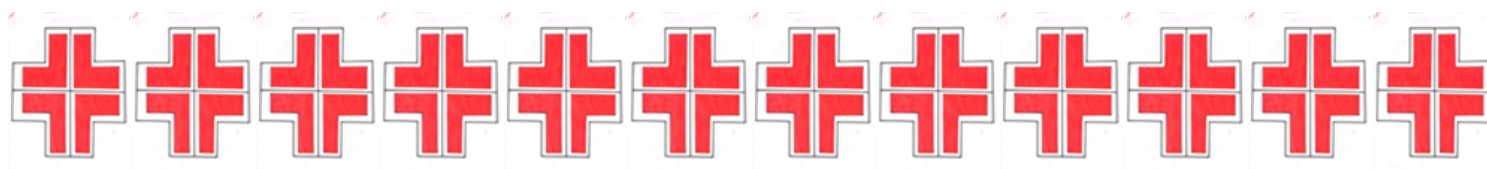
Então, foi aí que os dois seguiram juntos para a *Kóga*.

Ao chegar no local, o *Kunumia* pediu para sua *Sirendera* ficar bem longe e observar enquanto ele ia atizando o *Tatá*, e quando as fogueiras estavam bem fortes ele aproveitou e se jogou dentro da fogueira, dentro da *Kóga* e se queimou. Sua *sirendera* que viu tudo, ficou desesperada e chorando muito por causa do seu único *Sirikía*.

Sirikía que caiu no fogo



Fonte: Desenho de Kaio Sabino da luz Morimã



Voltou para aldeia, chamou todos da aldeia e contou tudo que seu *Sirikía* havia dito.

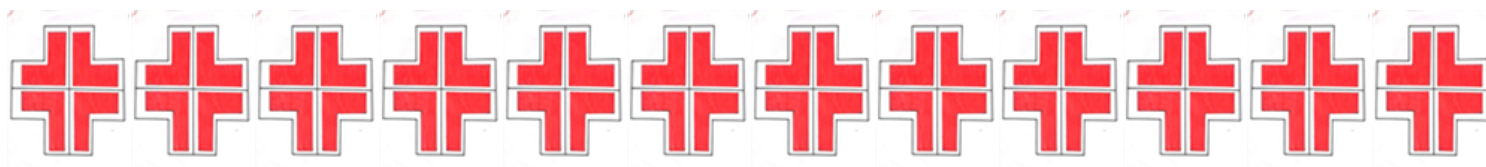
Depois de passar vários *Ko'ém*, ela levou o pessoal da aldeia para a *Kóga* onde seu *Sirikia* queimou. Quando o pessoal chegou no local, se deparam e ficaram muito supresos porque na *Kóga* havia nascido variedades de plantas.

Roça com variedades de plantas



Fonte: Desenho de Luelson Morimã Sabanês

Ela disse que seu *sirikía* havia deixado uma mensagem para seus parentes, que fizessem colheita, mas que guardassem as sementes para sempre ter alimentos. Uma das plantas que havia nascido na *kóga* era a *manióga*, o povo ficou muito contente, e a partir daquele momento entenderam que não iriam passar mais fome.

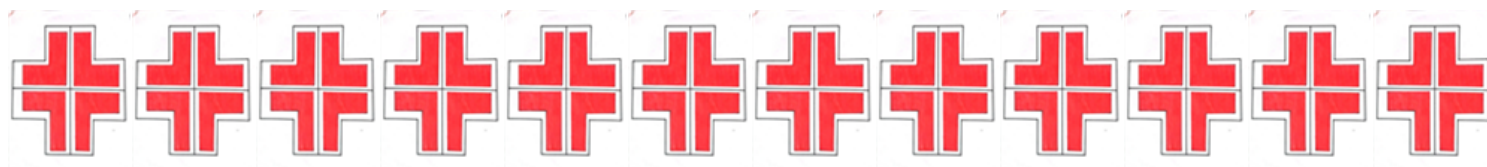


Sirendera colhendo



Fonte: Desenho de Evailson Morimã

E assim surgiram os alimentos das *kóga* para o povo Apiaká. De um *kunumia* que viu seu povo passar fome, e que veio para cumprir sua missão para com seu povo, origem dos alimentos do corpo do *kunumia* para os alimentos.

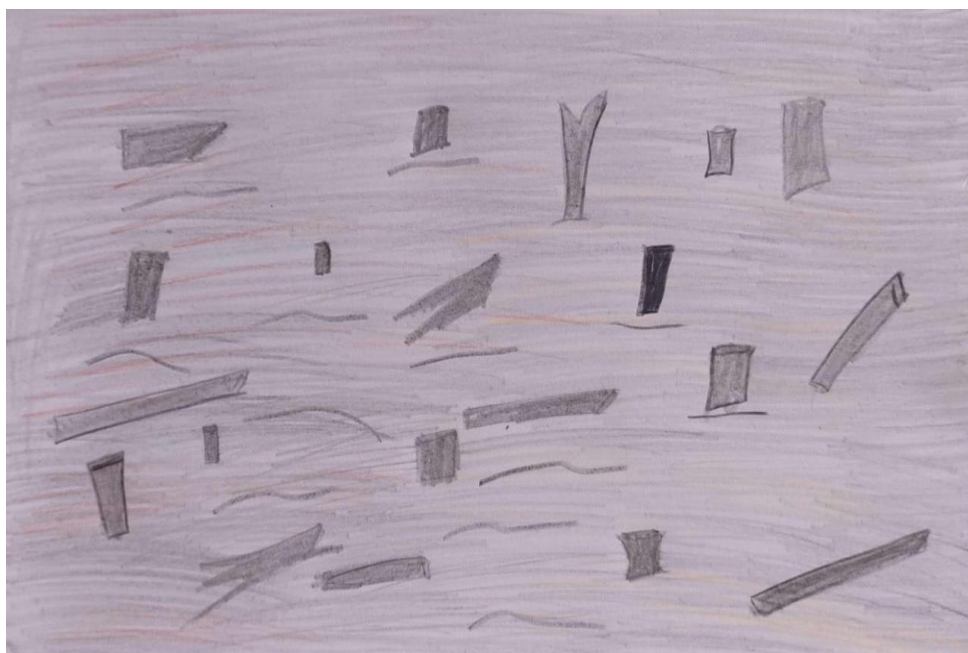


3. PRÁTICA ANCESTRAL CULTURAL APIAKÁ: A ROÇA DE TOCO

Depois que o *sirikia* se transformou em alimentos e produziu sementes, ramas, *situga*, mudas, nós os Apiaká aprendemos a fazer a *kóga* e continuar plantando esses produtos que fazem parte da nossa alimentação.

O povo Apiaká sempre fazem *kóga*. O passo a passo para fazer a *kóga* de toco inicia quando o dono da *kóga* escolhe o espaço onde será roçado e derrubado para poder plantar. A *kóga* geralmente é feita dentro da *kawýra* alta, lugar onde nunca teve derrubada, *kawýra* virgem de *kóga*. Mas também fazemos na baixa, conhecida como capoeira, lugar onde já foi utilizado. A reutilização acontece só uma vez, depois deixamos ela se fortalecer para plantar de novo. Então, a *kóga* é preparada, ou seja, é feita a coivara para plantar os alimentos.

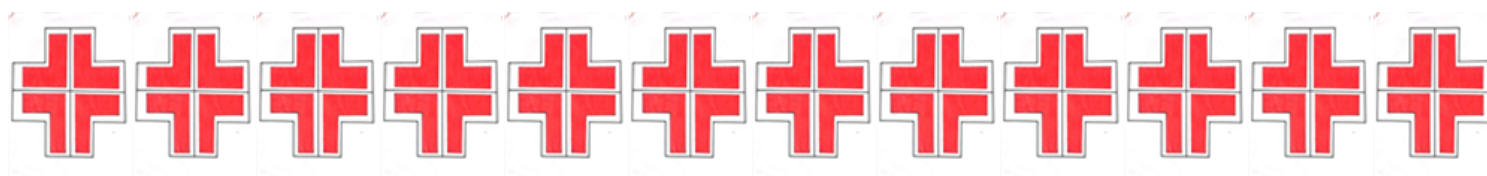
***Kóga* pronta para o plantio**



Fonte: Desenho de Kaio Sabino da Luz Morimã

Após a escolha do espaço, é feito o mutirão para roçada. Esse processo é feito em famílias e com a comunidade, logo em seguida é feita a derrubada das árvores grandes que ficam no meio da *kóga*, e após fazer toda a roçada e derrubada, isso ocorre no mês de maio até julho, após passar dias de seca e seguir o processo de queimada, primeiro o dono faz aceiros em toda a volta da *kóga* para que o *tatá* não se alastre na floresta. A queimada acontece a partir do dia 15 de agosto.

Após fazer esses processos, ainda temos que fazer a limpeza que chamamos de coivara, esse é o último processo para aplanagens.



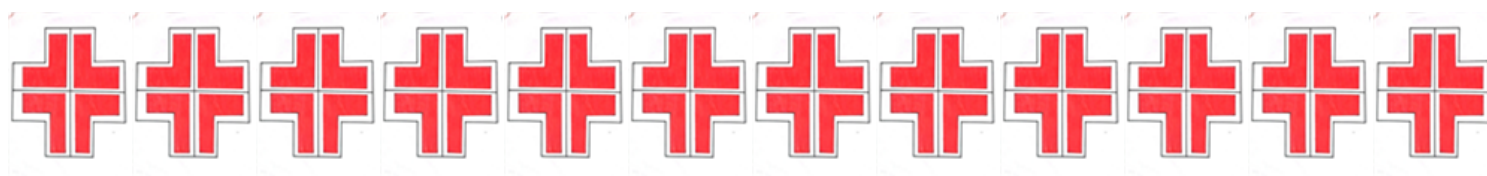
Plantando as ramas da *manivas*



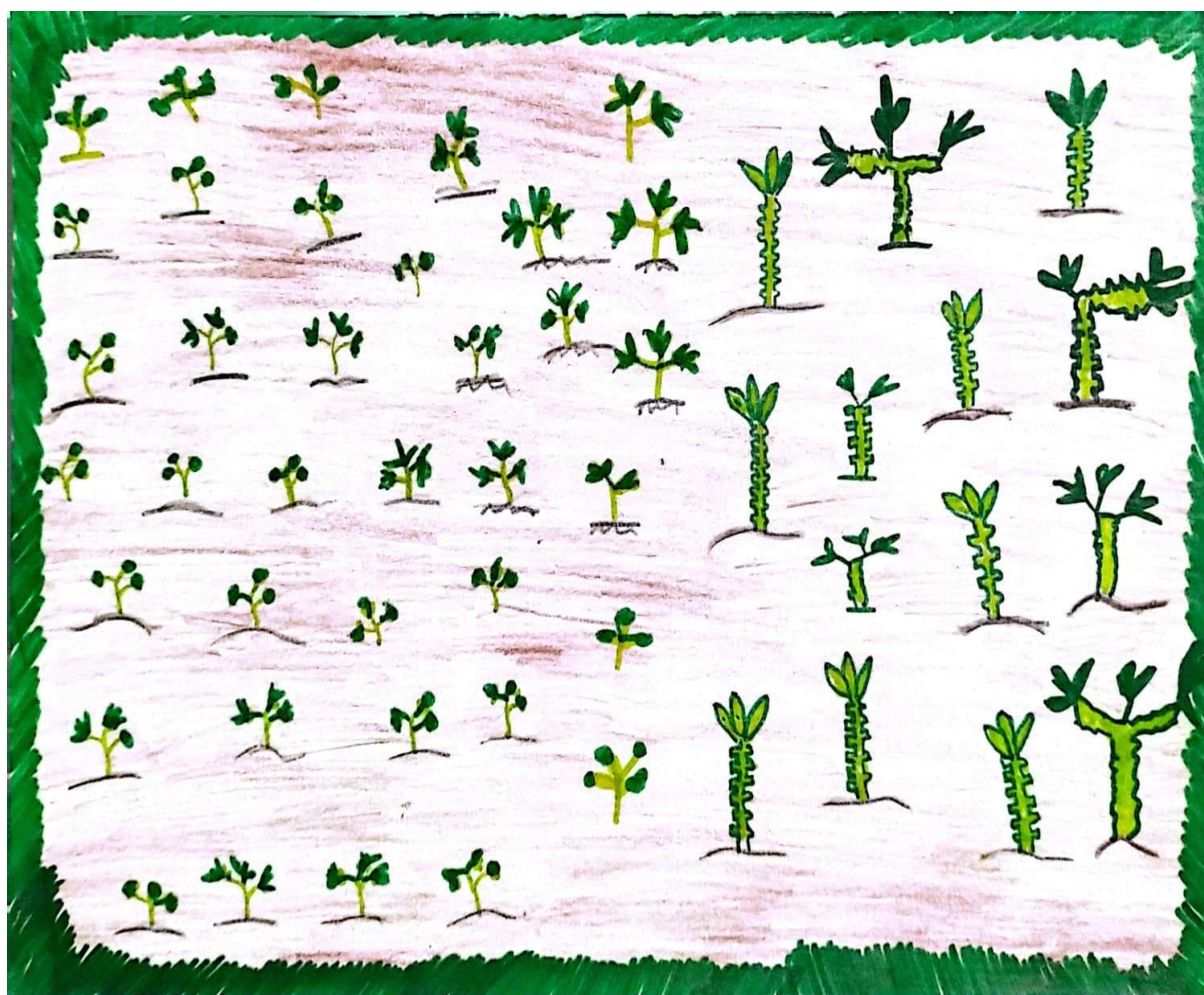
Fonte: Desenho de Miguel Morimã Sabanês

As *kóga* nós plantamos após coivaras, que é a limpeza. As ramas das manivas são cortadas em pedaços pequenos, as crianças com seus pais ajudam na plantação, elas colocam dentro de um cesto e vão colocando dentro do buraco cavado, dentro de cada cova é colocado *mopýri* pedaços, e coberto com barro.

As plantações das sementes são feitas após a primeira *amãna*, as famílias se organizam para buscar sementes de alimentos em outras *kóga*. Deixam tudo pronto para primeira *amãna*, quando chove é feito um mutirão e todos ajudam as famílias a fazer a plantação.

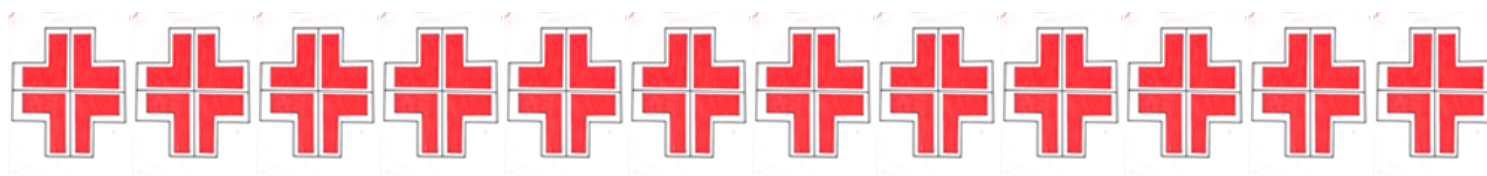


As *manióga* nascidas



Fonte: Desenho de Claudilene Burum Sabanês

Durante seis meses, as *kóga* já tem alimentos para ser consumidos, o alimento que produz mais rápido é a *manióga*. Aqui, as *manióga* estão crescendo e também outra parte já está pronta para colheita, assim são as *kóga* do povo Apiaká, em formato de quadrado.

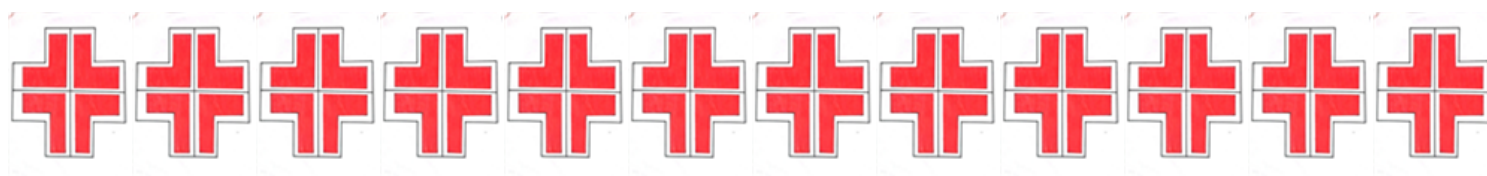


Arrancando mandioca



Fonte: Desenho de Helen Krixi Saú

Kunumia Apiaká arrancando *manióga* na *kóga*. As famílias fazem muitas *u'ia*, um dos alimentos que não pode faltar na nossa alimentação. Quando fazem *u'ia*, as famílias já sabem a quantidade certa da *manióga* e quantos sacos colhem. Há pessoas que sabem que se colher dez (10) sacos de *manióga*, rende oito (8) latas de *u'ia*. As vezes não se faz a contagem, as famílias sabem a base da medida de *manióga*.



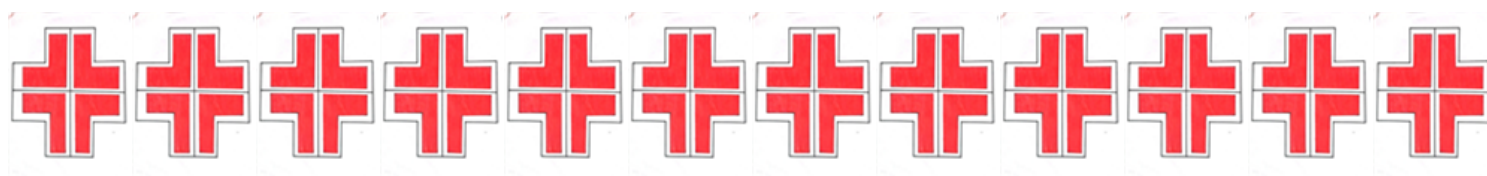
Colocando *manióga* no saco



Fonte: Desenho de Miguel Morimã Sabanês

Após arrancar as *manióga*, os *kwinbá'* é enchem os sacos e os meninos carregam nas costas e levam até aldeia, chegando no local são colocadas dentro de um tambor ou no saco dentro da água, as *manióga* ficam *mypyt a aserawaka* kó'êm de molho.

As *kóga* atualmente são feitas numa distância bem longe e, às vezes, os animais atacam as *maniógas*. O animal que mais ataca é o *caititu*, estraga muitos e elas vão apodrecendo e às vezes nem tem *manióga* nos pés, e as famílias perdem a alimentação da *kóga*.

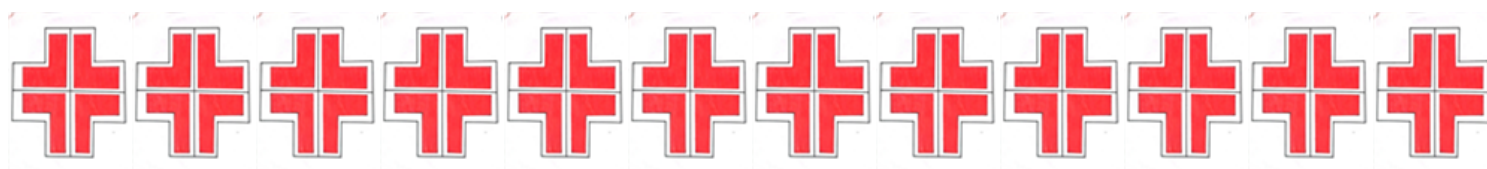


Carregando mandioca



Fonte: Desenho de Erica Morimã

Os *kunumia as kujãtã* carregam o saco de *manióga* nas costas com tipoia, tirado do mato ou tipoia feito barbante. Temos *kóga* bem longe da aldeia, tem *kóga* do outro lado do *ýa*, e também nas margens do *ýa*. Esse serviço são os *kinba'é* e *kunumia* que fazem.



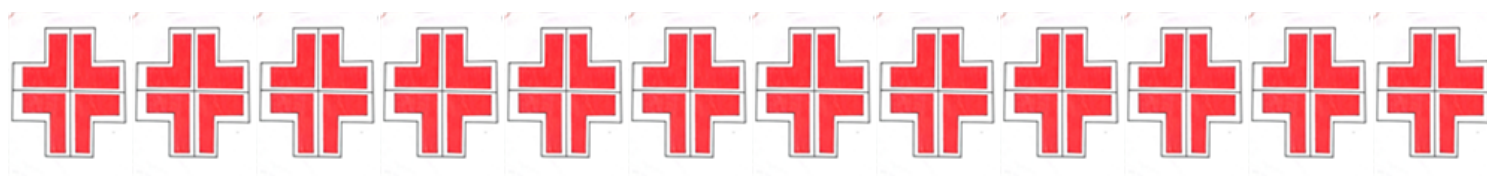
Manióga de molho



Fonte: Desenho de Yan Krixi Saú

Após a *maniôga* fica *mypyty ko'êm* de molho, ela é descascada e ralada. Atualmente fazemos outros procedimentos que são descascar com a *tasôa*, mas se ela estiver bem mole, não precisa utilizar *tasôa* e nem passar no ralador, a *maniôga* é amassada com as *si'pôa*.

Após amassar bem, a massa é colocada no saco e levada para prensa dentro do saco, ela é deixada imprensada até outro *ko'êm* e deixamos ela secar e escorrer todo o líquido. A massa escorre bem porque a *u'ia* pode ficar amarga, é por isso que ela é torrada após outro *ko'êm*.



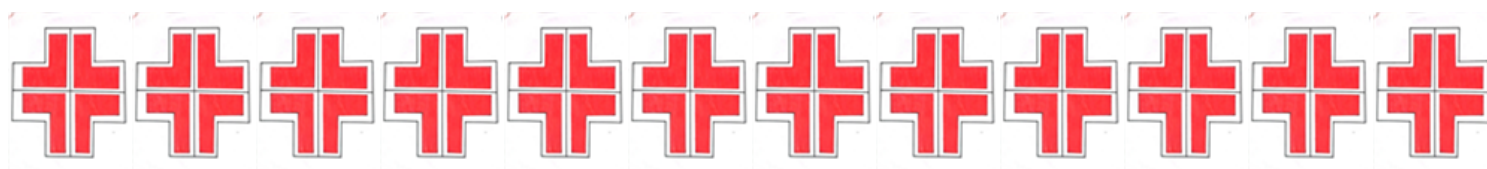
Peneirando a massa



Fonte: Desenho de Emili Krixí Morimã

Esse processo de peneirar a massa de *manióga*, somente as *kunhã* e *kiatarriã* que peneiram, ela é peneirada na *irypema*, as *kunhã* já deixam o *tatá* aceso debaixo do forno.

O forno vai se aquecendo com o calor do *tatá*, após terminar de peneirar toda a massa, elas vão colocar no forno aquecido.



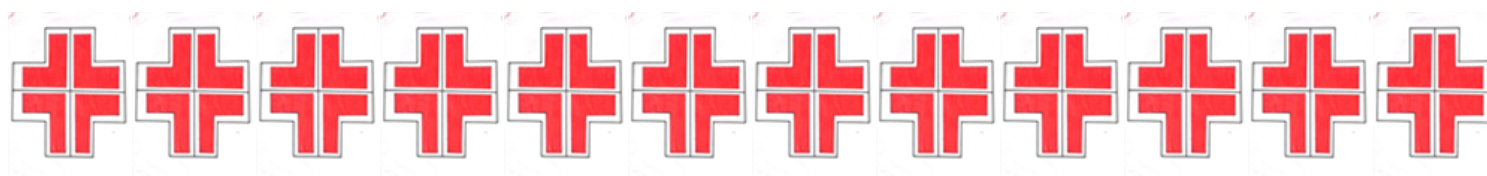
Torrando farinha



Fonte: Desenho de Luelson Morimã Sabanês

Após o processo de peneirar a massa, deixar o forno bem quente, em seguida é passado olho no forno, a *kunhã* coloca a massa com a *kusia* e vão jogando no forno, e *kwinba'é* vai virando com o *iwéwa* de um lado para outro, até que ela vai escaldando. Fica uma massa bem *pytãg* e após ela ser escaldada, os *kunumia* continuam a mexendo com o *iwéwa*.

O processo da u'ia torrando dura aproximadamente 30 minutos, até ficar no ponto bom. O ponto é quando ela está bem torrada e seca. Nós Apiaká fazemos a u'ia bem torradinha.



U'ai pronta para o consumo

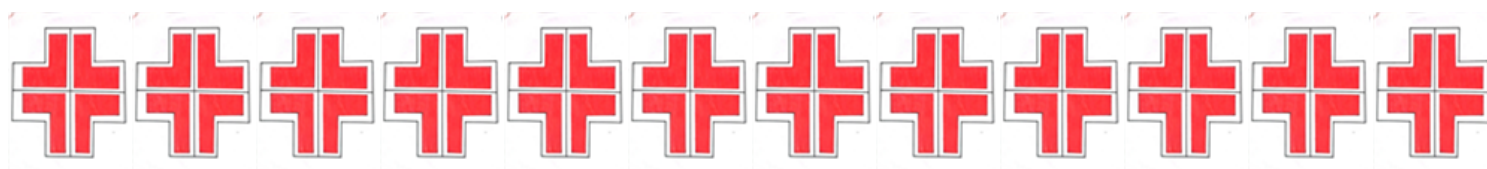


Fonte: Desenho de Luana Morimã Sabanês

A *u'ia* é um dos alimentos do povo Apiaká que não pode faltar no dia a dia, no cotidiano das famílias Apiaká. Ela é consumida com todos os alimentos que são preparados na alimentação tradicional, como *arakú*, *tassarróa*, *ihá*, *sawasí*, *kai*, *mānawára*, *moataí*.

Também bebemos com vinhos de *suwa'í*, *burixiwá*, *acásai* e *pino'wa*. As frutas também são consumidas com *u'ia*; *pakôa*, *inata'í*, *inhã*, *tukumã*, e *kāwi'á*.

A *u'ia* para nós Apiaká é consumida com todos os alimentos.



4. PESCA DO TIMBÓ, SABER TRADICIONAL DO POVO APIAKÁ: PRÁTICA E COSTUMES

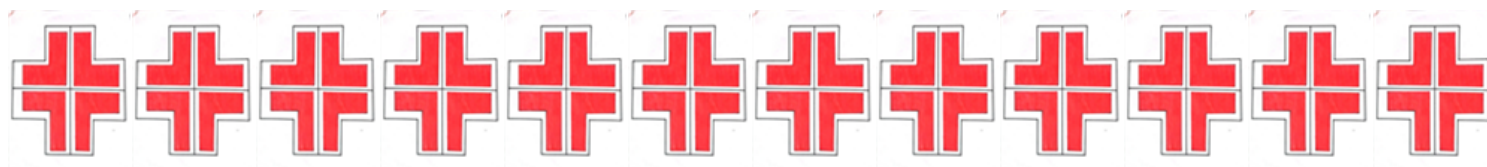
A pescaria com timbó para os Apiaká é um saber tradicional que está desde os nossos antepassados. Essa prática é desenvolvida dentro da comunidade e todos participam, é um momento de as pessoas vivenciar, de estar juntos um do outro, de compartilhar o ensinamento de transmitir o conhecimento cultural e costume do povo Apiaká.

A prática da pesca com timbó ocorre uma vez por ano, na época da seca, no mês de agosto, e envolve a comunidade escolar. A pesca com timbó do povo Apiaká é feita em *ipιά* e córregos. As espécies de peixes são *pirawirãng*, *sarapó'i*, *hékutun*, *moataí*, *iakundá'y*, *jenjú*, *trairinha*, *mãawára*, *iwysa'i*, *cará*, *pykyria*, *piawi* e *tucunaré*.

Ipiá



Fonte: Desenho de Ray Sabino da Luz Morimã



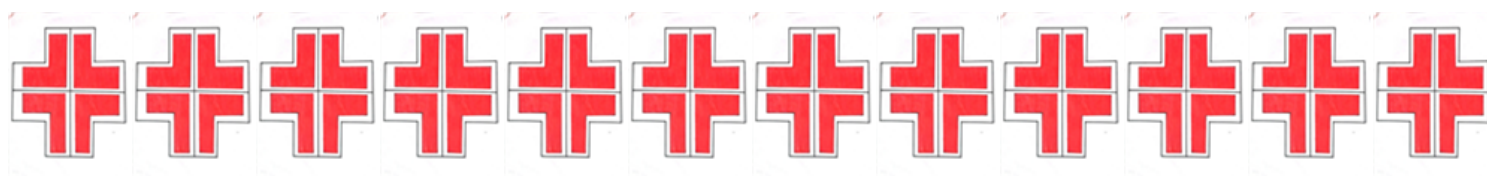
Arrancando timbó



Fonte: Desenho de Yan Krixi Saú

O timbó manso é uma *ywa ywate* que plantamos no pátio de casa e na *kóga*, mas esse espaço onde é plantado não é falado e nem mostrado para ninguém, porque é uma planta muito perigosa, então ela tem que ser plantada em um espaço escondido.

Na época da pesca com timbó, ela é utilizada para a pescaria, por isso as famílias já deixam plantados em seus espaços de *kóga*. Os *kwinba'é* e *kunumia* tiram as raízes do timbó, eles tiram uma raiz que mede 2 metros, ela é cortada em vários pedaços que são colocados dentro de um saco.



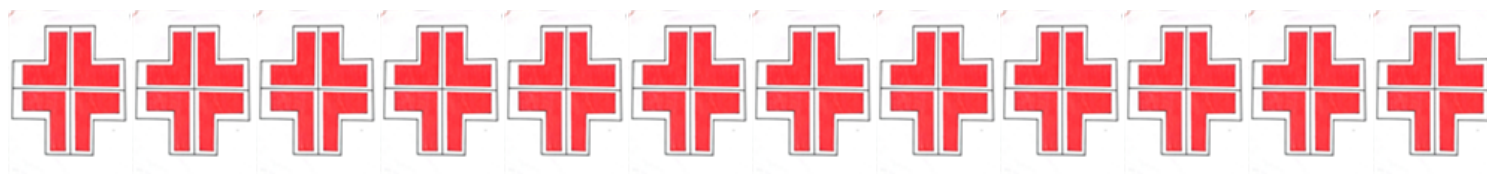
Batendo timbó na lagoa



Fonte: Desenho de Diogo Morimã Sabanês

Primeiro, vão só os adultos e, depois, vão as crianças e *kunhã*, chegando no local onde vai bater o timbó, eles preparam um pequeno fecho de timbó.

Esse é o processo de bater a raiz do timbó, e os *kwinba'é*, com um pedaço de madeira, batem a raiz até sair a água branca da raiz, então lavam as raízes na água. Dessa forma, eles colocam em toda parte, espalhando o produto em todo espaço da lagoa.



Peixinho boiando

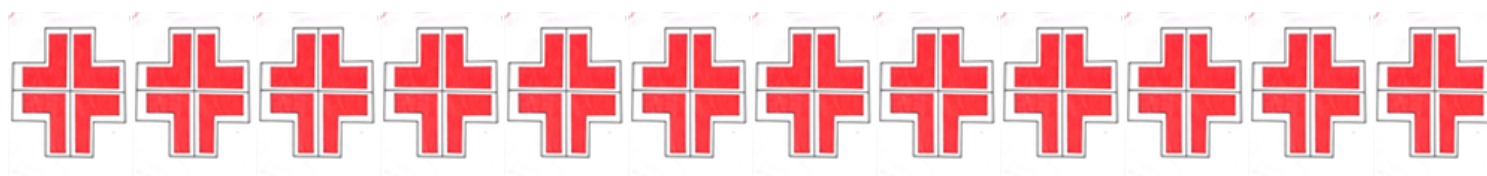


Fonte: Desenho de Genilson Krixi Krepu

Após uns minutos, os peixes começam a boiar na beira e no meio da *ipiá*, após os peixinhos boiarem, todos são liberados a pegar.

As pessoas levam balde, *iripêma*, panela, *yru'ýwa* e *siwerapára*, *tasôa* e *niwaháwa* e outros objetos que são necessários para pegar os peixinhos.

As pessoas pegam com a *si pôa*. Dessa forma a pescaria do timbó é uma prática cultural do povo Apiaká.



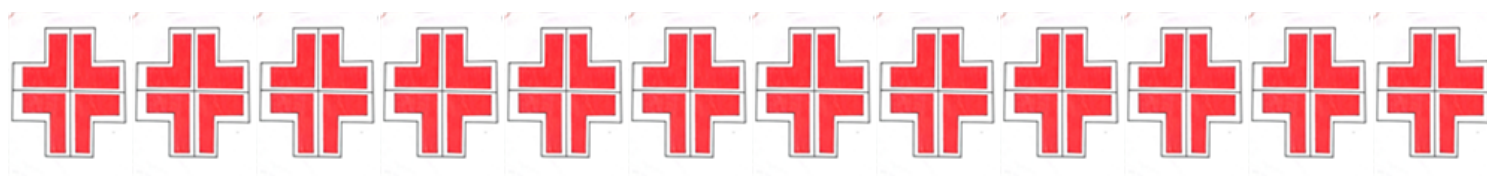
Kwwinba' é Apiaká flechando peixinho



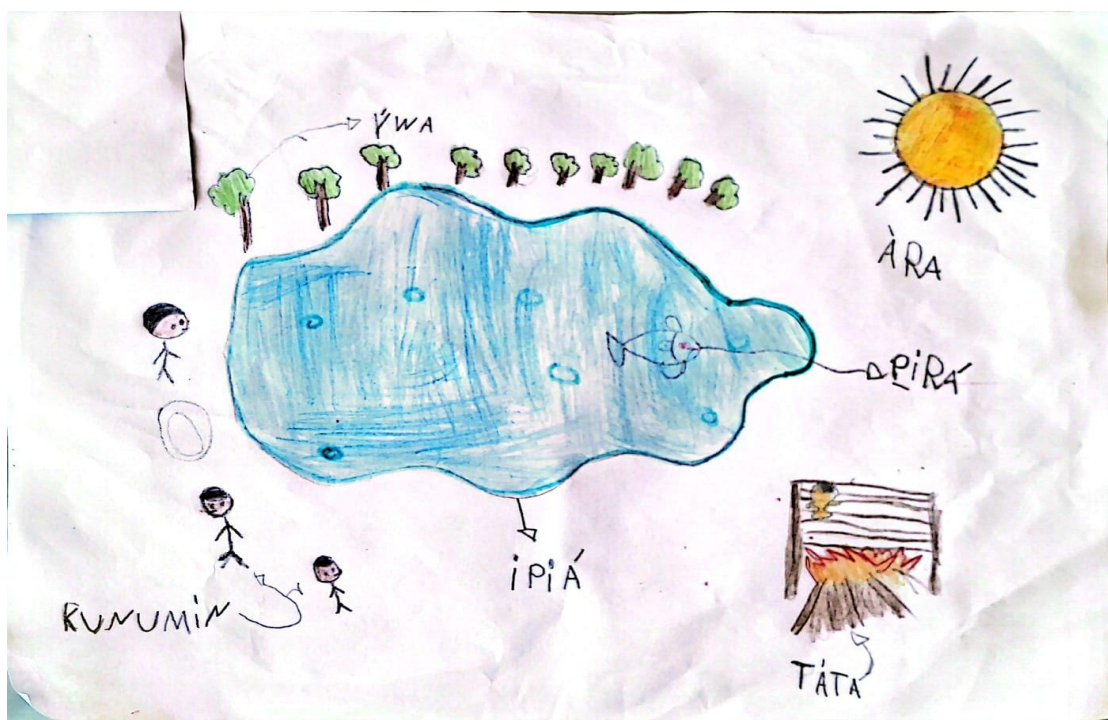
Fonte: Desenho de Genilson Krixí Krepu

Os *kwinba' é* e *kunumia* terminam de bater o timbó no *ipiá* e também pegam seu arco e flecha, esses materiais são próprios para pescaria com timbó, eles flecham os peixinhos que boiam no meio do *ipiá*.

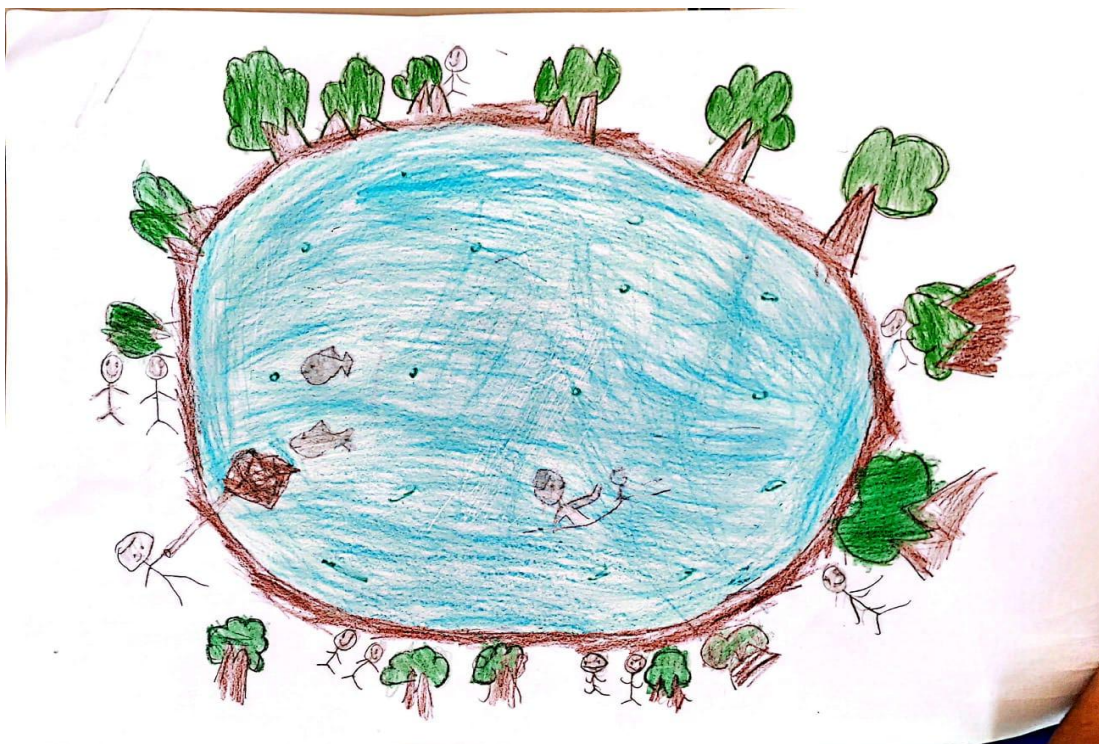
A *yru'ýra* é feita de taboquinha própria para flecha. Os Apiaká têm um local específico onde encontrar a *yru'ýru*. A *siwerapára* é feita de *siriawa*, contam os mais velhos que, para tirar esses materiais, tem que ser na época certa. As outras pessoas pegam os peixinhos com peneira, as crianças caem dentro da *ipiá*.



Pegando peixinho com *iripêma* e *yru'ýwa*

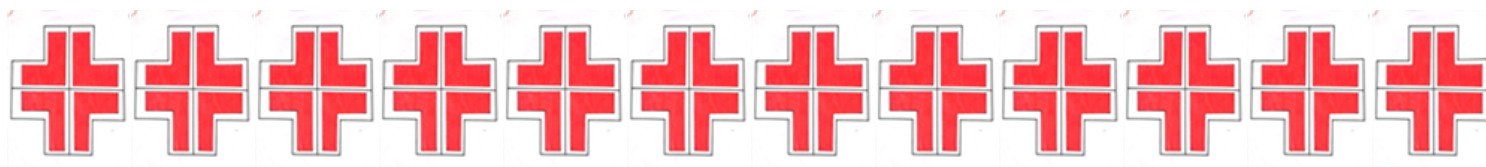


Fonte: Desenho de Yasmin Morimã Mori



Fonte: Desenho de Kaio Sabino da Luz Morimã

Dessa forma, os Apiaká fazem seus saberes tradicionais, vivendo e aprendendo, desenvolvendo as práticas do povo, passando os saberes para as crinaças Apiaká.



Os costumes, a prática e a forma de viver são cada vez mais valorizados. Os saberes ancestrais do povo Apiaká estão presentes na atualidade.

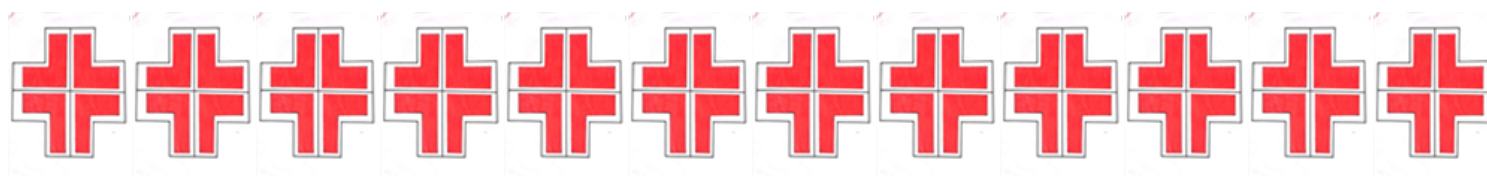
Depois de pegar os peixinhos, eles são limpos e preparados para serem assados. Acendemos o *tatá* e fazemos o moquém para poder colocar os peixinhos.

O *tatá* aceso



Fonte: Desenho de Jackson Mori

O *fogo* é acendido no espaço bem plano e limpo, esses cuidados temos durante a pescaria com timbó. Enquanto as pessoas vão pegando os peixinhos, as *kunhã* e *kia tarriã* preparam *tatá* e assam os peixinhos.

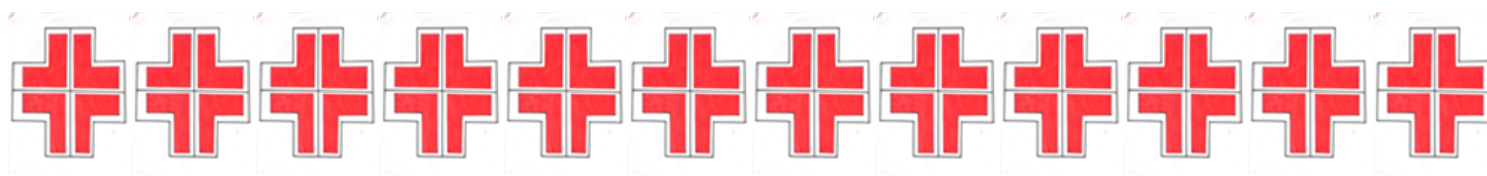


Meninas colocando os peixinhos no espeto



Fonte: Desenho de Diogo Morimã Sabanês

Após as pessoas pegar os peixinhos, as *kunhã* e *kia tarriã* pegam peixinhos e lavam na água limpa, e espetam e fazem o a assado. No momento, as meninas são orientadas pelas mulheres mais experientes, elas ensinam a forma de espetar porque como os peixinhos da pesca do timbó são pequenos vão direto para o fogo.

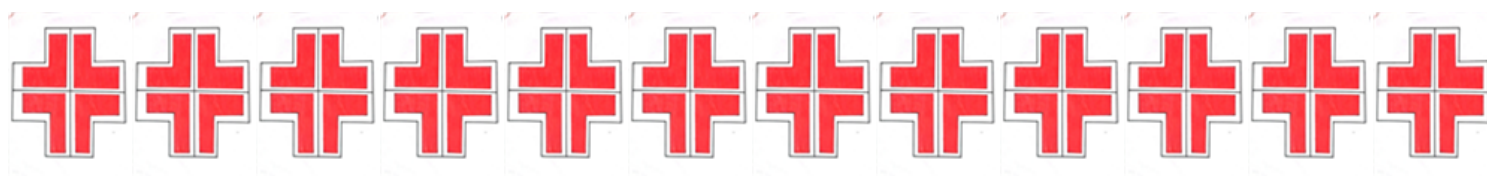


Peixinhos assando



Os peixinho pegados na lagoa, as *kunhã* espetam e colocam para assar. As crianças e jovens observam cada conhecimento passado pelos mais velhos. Aprendem qual é a madeira tirada da mata para ser transformada nos pequenos espetos, elas devem ser varinhas fortes que tem muita água no seu caule e assim não pegam fogo, e os peixes enfiados na varinha também a protegem, fazendo com que ela não queime enquanto assam os peixes.

Depois que os peixinhos estão assados, todas as pessoas que participaram da pesca do timbó se juntam e vão comer.

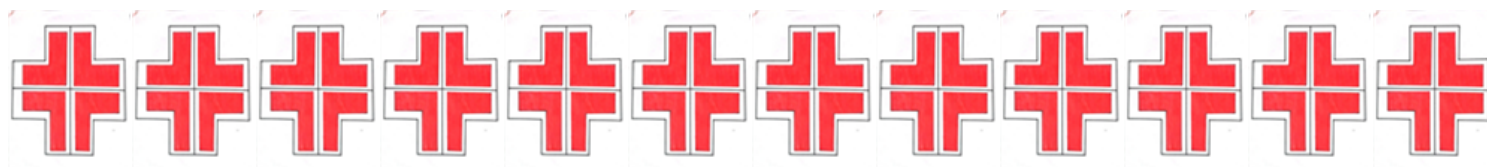


Peixinhos assados prontos para servirem de alimentação

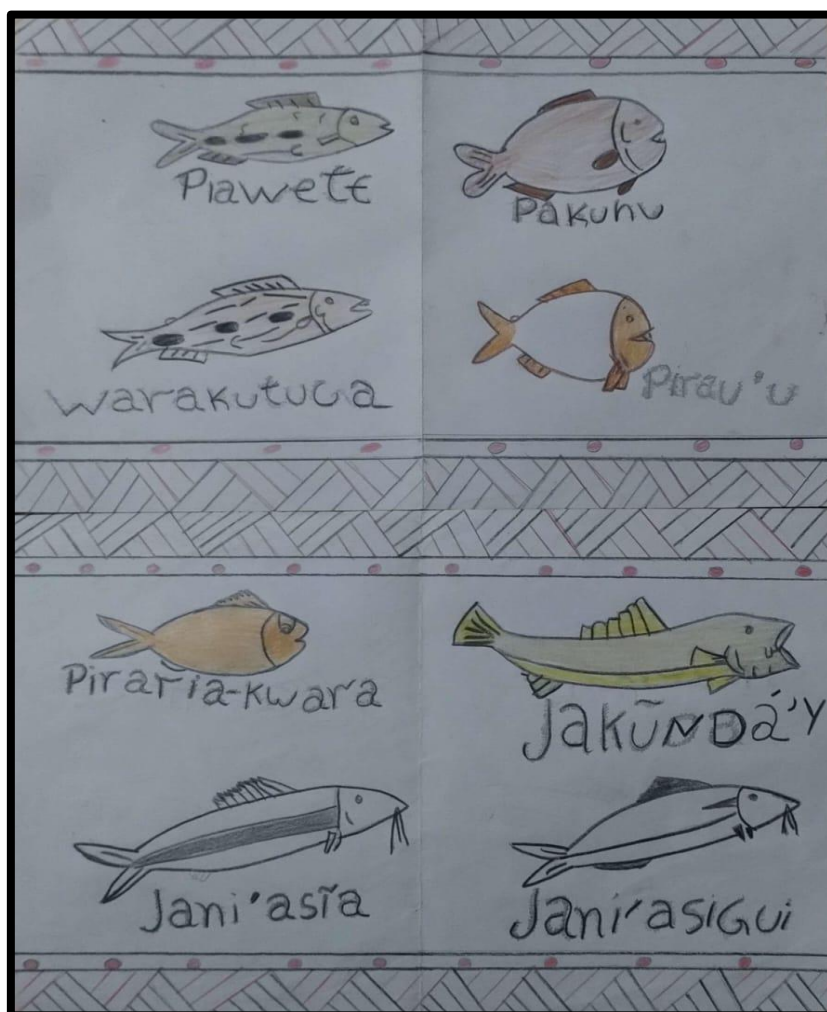


Fonte: Desenho de Jakson Mori Kamaçuri

Assim, é feita a pescaria do Timbó. Inicia com ensinamentos coletivos e termina em coletividade, todos aprendendo a compartilhar o alimento.

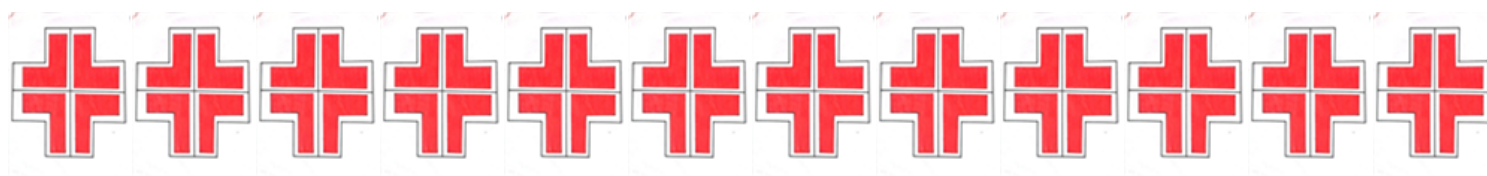


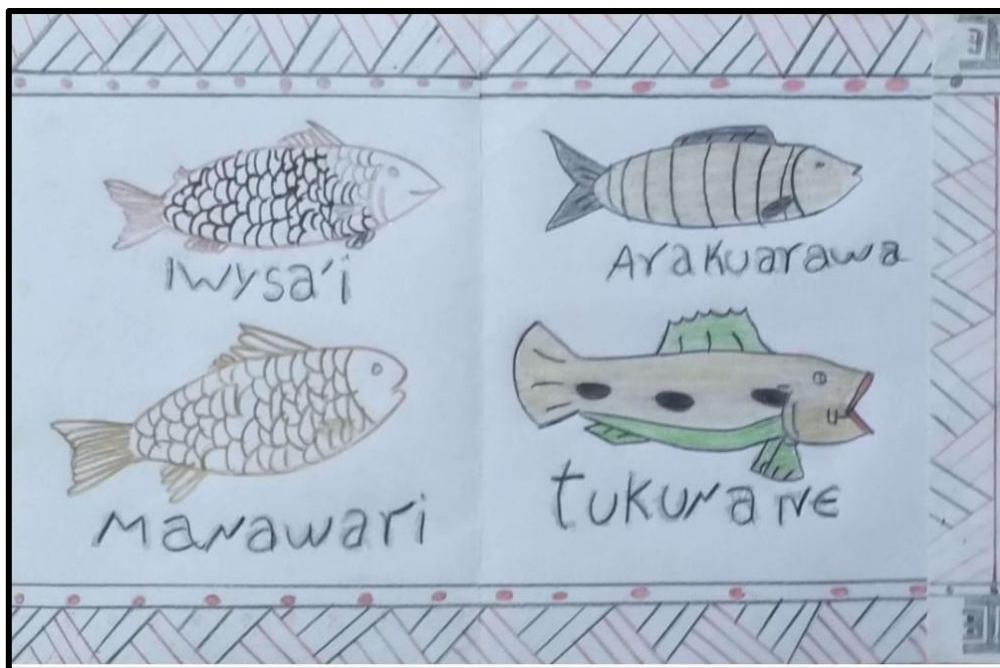
Peixinhos que são pegos na pesca do timbó



Fonte: Desenho de Diogo Morimã Sabanês

Esses peixes são bem pequeninhos e são eles: *piawete*, *pakunu*, *warakutuca*, *pirau'u*, *piraria-kwara*, *jakunda'y*, *jani'asia*, *jani'asigui*. Muitos deles são pequeninhos mesmo e moram na lagoa, outros são filhotes de peixes maiores que vão para a lagoa para se alimentar e depois voltam para o rio. As lagoas formadas no nosso território são geralmente ligadas com o rio, quando a água sobre elas forma canais até o rio. Existem peixes de espécies grandes que também são encontrados na lagoa, na época da pesca do timbó, como o *iwysa'i*, *arakuarawa*, *manawari* e *tukunare*.

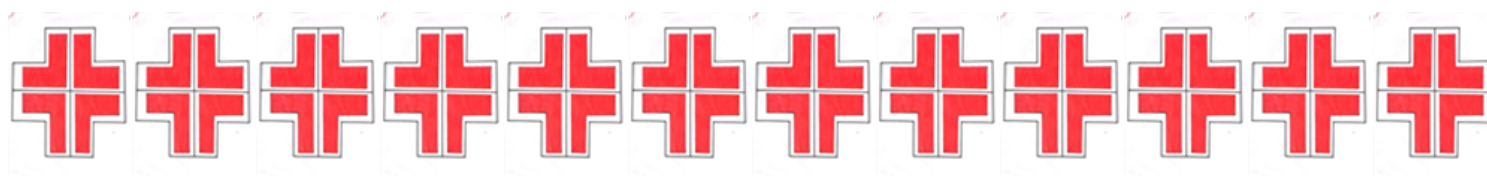




Fonte: Desenho de Diogo Morimã Sabanês

Esses peixes que são pescados na pesca do timbó se encontram nas lagoas, na época em que elas estão secando e, muitas vezes, esses peixinhos ficam presos na lagoa antes da chuva chegar, então não dá tempo para eles irem para o rio. Fazemos a pesca do timpó para pescar e eles serem nosso alimento, e as crianças aprendem a usar o cipó, a fazer a pescaria, as regras da cultura, conhecer as lagoas, as varinhas próprias para fazer espeto, fazer fogo e assar os peixinhos.

A pesca do timbó é uma prática cultural coletiva de aprender a fazer todos junto, crianças, jovens, adultos e anciãos.



AGRADECIMENTOS



A produção deste produto educacional foi possível de ser feito, porque houve a participação das pessoas da comunidade, em especial, dos estudantes e dos professores/as.

Assim, agradeço à comunidade, Cacique, Lideranças e todos/as que estiveram junto nesta realização.

Marinês Monzalina Krixí Morimã

TI Apiaká-Kayabi

Aldeia Mayrob

Juara-MT

